

The cover is framed by an intricate black and white decorative border. It features elegant, flowing scrollwork, stylized leaves, and various floral motifs, including star-shaped flowers and circular floral designs. The overall style is reminiscent of Art Nouveau or Victorian-era book ornamentation.

A Cor do Fogo

Nora
Roberts

Tradução de
Patrícia Cabrita





Aos amantes, antigos e novos

Ó amor! Ó fogo! Da mesma forma que tu
Com meros lábios e um longo beijo
Toda a minha alma extirpaste,
Também o Sol, no seu ensejo,
Todo o orvalho secou.

— Lord Tennyson





Prólogo

*Ilha das Três Irmãs
Setembro de 1702*

O seu coração estava despedaçado. Os cacos pontiagudos apunhalavam-lhe a alma até que cada hora, cada momento da sua vida fosse apenas sofrimento. Nem mesmo os seus filhos, tanto os que carregara no ventre como os que criara, lhe serviam de conforto.

E nem ela lhes servia de conforto, para sua imensa vergonha.

Abandonara-os, da mesma forma que o pai os abandonara. O seu marido, seu amante e seu coração, havia voltado para o mar, e dentro dela o que era esperança, amor e magia tinham morrido naquele dia.

Mesmo agora ele não se lembraria dos anos e da alegria que haviam compartilhado. Não se lembraria dos filhos, das filhas, nem da vida que haviam construído na ilha.

Assim era a natureza dele. E assim seria o destino dela.

E também o destino das suas irmãs, pensou enquanto estava nos penhascos que amava, acima do mar que borbulhava e se distorcia. Também elas haviam sido destinadas a amar e a perder. A que se chamava Ar apaixonara-se por um rosto lindo que lhe dissera palavras belas mas que ocultava uma fera. Fera que derramara o seu sangue. Ele assassinara-a pelo que ela era, e ela não usara o seu poder para o impedir.

A seguir, a que se chamava Terra enraivecera e sofrera a tal ponto que construía, pedra a pedra, um muro de ódio que ninguém conseguia derrubar. Usara os seus poderes por vingança, ao mesmo tempo que renegara a Arte e abraçara a escuridão.

Agora, a escuridão fechava-se, e a que se chamava Fogo estava sozinha com a sua dor. Já não conseguia lutar e não encontrava sentido na própria vida.

Durante a noite, a escuridão sussurrava-lhe mentiras ao ouvido com uma voz dissimulada e vil. E mesmo sabendo o que eram, sentia-se tentada por elas.

O seu círculo estava quebrado, e ela não podia, e não tentaria, resistir sozinha.

Sentiu a presença do Mal que se aproximava, rastejando sobre o solo numa névoa suja. Estava esfomeado. A morte dela iria fortalecê-lo, e mesmo assim ela não conseguia encarar a vida.

Levantou os braços, e as chamas dos seus cabelos ruivos chicotearam o vento que ela invocara com um suspiro profundo. Havia ainda tantos poderes dentro de si. E o mar uivou em resposta, fazendo o chão estremecer sob os seus pés.

Ar e Terra e Fogo — e a Água que lhe dera o seu grande amor e que o havia também roubado.

Naquela última vez ela ainda os teria sob controlo.

Os seus filhos ficariam seguros, pois já providenciara isso. A amaria conta deles e ensinar-lhes-ia tudo; o dom e o brilho seriam passados adiante.

A escuridão lambeu-lhe a pele em beijos gelados, muito gelados.

Ela balançava na beira do precipício, ainda lutando contra a sua vontade, enquanto a tempestade dentro de si, e a tempestade que evocara, rugiam enfurecidas.

Aquela ilha, que ela e as irmãs haviam feito aparecer para as proteger da destruição dos que as perseguiam e queriam matar, desapareceria. Tudo estaria perdido.

Estás completamente só, murmurava a escuridão. Estás a sofrer. Acaba com a solidão, acaba com a dor.

E era isso que ela faria, mas não abandonaria os filhos, ou os filhos que deles nascessem. O Poder ainda estava nela, assim como a força e o conhecimento para o exercer.

*Durante trezentos anos,
A Ilha das Irmãs resistirá aos teus planos.*

Das pontas dos seus dedos esticados, raios de luz chicoteavam e rodopiavam, um círculo dentro de um círculo.

*Os meus filhos os teus dedos não poderão alcançar
Muito viverão, para aprender e ensinar
E quando o prazo deste encanto expirar
Outras três, um círculo vão formar
Um círculo de irmãs unidas pelo poder
Que se unirão e enfrentarão o escuro do teu ser
Coragem, confiança, justiça e piedade
Amor sem fronteiras matando a fragilidade
E elas vão, por livre vontade*

*Se unir para fazer vencer a verdade
E enfrentar o seu destino
Derrotando o mal ferino
Se, neste caminho, uma só falhar
Que esta ilha afunde para sempre no mar
Mas se vencerem, o mal embarca
Para sempre, levando a sua marca
Este encanto é o último, e o meu fim me abraça
Que assim seja, que assim eu vá... e assim se faça.*

A escuridão tentou arrebatá-la assim que ela saltou do penhasco, mas não conseguiu. Mergulhando em direcção ao mar que a destruiria, ela lançou o seu Poder sobre toda a ilha, formando uma teia protectora feita de prata.



Capítulo 1

Ilha das Três Irmãs

Maio de 2004

Já haviam passado mais de dez anos desde que ele estivera na ilha. Mais de uma década desde que vira, sem ser em pensamento ou em sonho, as florestas, as casinhas espalhadas, as curvas das praias e das enseadas. E a força dramática dos penhascos, onde a casa de pedra ainda se mantinha ao lado da lança branca do farol da ilha.

Não deveria ter ficado tão surpreendido pela atracção, nem pelo puro e simples prazer que sentia. Sam Logan raramente se surpreendia. Mas o deleite de descobrir o que tinha mudado e o que permanecia igual surpreendia-o imenso.

Estava de volta a casa, mas até então não havia compreendido, pelo menos não completamente, o que significava realmente voltar. Até chegar ali.

Estacionou o carro perto das docas porque queria caminhar, sentir o cheiro do ar salgado da Primavera, ouvir as vozes que vinham dos barcos de pesca e ver a vida que fluía ao longo da pequena extensão de terra no litoral de Massachusetts.

E talvez, admitiu, porque desejava ter um pouco mais de tempo para se preparar antes de encontrar a mulher pela qual voltara.

Não esperava uma recepção calorosa. Na verdade, não sabia o que esperar de Mia.

Já soubera um dia. Conhecia cada expressão do seu rosto, cada inflexão da sua voz. Outrora, ela estaria ali nas docas para o receber, com os seus gloriosos cabelos ruivos esvoaçando e os olhos cinzentos acesos de prazer e de promessas.

Ele teria escutado o seu riso quando ela corresse para se atirar nos seus braços.

Aqueles dias faziam parte do passado, pensou enquanto subia pela pequena alameda em direcção à Rua Alta e às suas bonitas lojas e escritórios. Ele afastara-se de todos; exilara-se deliberadamente. Fugira para longe da ilha e de Mia.

Agora, também por livre e espontânea vontade, colocava um ponto final nesse exílio.

A jovem que havia deixado para trás transformara-se numa mulher. *Uma mulher de negócios*, pensou com a sombra de um sorriso nos lábios. O que não era uma surpresa. Mia sempre tivera uma boa cabeça para os negócios e uma boa visão dos lucros. Ele pretendia usar isso, se necessário, para a seduzir e conseguir cair novamente nas suas boas graças.

Sam não se importava de usar as armas da sedução, desde que, no final, vencesse.

Virou a esquina da Rua Alta e parou para olhar bem para a Pousada Mágica. O prédio de pedra, em estilo gótico, era o único hotel da ilha e pertencia-lhe.

Ele trazia algumas ideias novas que pretendia implementar ali, só que desta vez os negócios iam ter que esperar algum tempo, pois precisava de cuidar de questões pessoais.

Continuou a caminhar, satisfeito por notar que, embora leve, o tráfego era constante. Os negócios na ilha pareciam andar tão bem quanto o haviam informado.

Sam dava passos largos que o levaram rapidamente calçada acima. Era um homem alto, com mais de um metro e noventa, compleição magra e disciplinadamente construída, mais acostumado, nos últimos anos, a bons fatos do que às calças de ganga que estava a usar. O casaco preto comprido balançava suavemente com a brisa de Maio que o envolvia enquanto andava.

Tinha cabelo escuro - agora desalinhado pelo vento que o agitara durante toda a travessia do continente até à ilha - que se estendia abaixo do colarinho. O seu rosto era magro, com maçãs bem definidas. Os ângulos eram atenuados por lábios carnudos e uma boca bem esculpida.

Os olhos estavam atentos enquanto observavam o que tinha sido, e voltaria a ser, a sua casa. Num tom que ficava entre o azul e o verde, eram da cor do mar que rodeava a ilha, emoldurados por pestanas e sobrelhas escuras.

Sam usava a sua boa aparência sempre que isso lhe era útil, da mesma forma que empregava o charme ou a impiedade. Quaisquer que fossem as ferramentas que lhe caíssem nas mãos, usava-as para atingir os seus objectivos. Já aceitara o facto de que precisaria de tudo o que tivesse à sua disposição para conquistar Mia Devlin.

Do outro lado da rua, analisou a loja “Café dos Livros”. Ele já deveria saber que Mia conseguiria transformar o que no passado havia sido um prédio maltratado e sem atractivos, em algo adorável, elegante e produtivo. A montra da frente exibia uma quantidade de livros e flores primaveris espalhadas sobre uma cadeira de jardim. *Dois das mais antigas e profundas paixões de Mia,*

pensou. *Livros e flores*. E ela dispusera-os na montra de uma forma que sugeria que já estava na hora de a pessoa fazer uma pausa, sentar-se e aproveitar os frutos do trabalho viajando numa história envolvente.

Enquanto observava tudo isto, um casal de turistas entrou na loja. Sam não estava afastado assim há tanto tempo da ilha a ponto de já não saber diferenciar um turista de um morador.

Ficou parado onde estava, com as mãos nos bolsos, até perceber que estava apenas adiava o momento do reencontro. Havia poucas coisas mais turbulentas do que Mia Devlin irritada. Ele já esperava o momento em que ela o fustigaria com a sua ira incontrolável, no instante em que pusesse novamente os olhos nele.

E quem poderia censurá-la por isso?

Por outro lado, lembrou-se com um sorriso, havia poucas coisas mais excitantes do que ver Mia Devlin furiosa. Seria certamente... interessante travar mais uma vez esse duelo de espadas invisíveis com ela. Também seria muito bom tentar acalmar as suas intempéries emocionais.

Atravessou a rua e abriu a porta do “Café dos Livros”.

Lulu estava atrás do balcão. Ele tê-la-ia reconhecido em qualquer lugar. A mulher de pequena estatura com feições de duende, que quase parecia ser engolida pelos imensos óculos de armação cor de prata, era essencialmente a pessoa que criara Mia desde bebé. Os Devlin sempre haviam estado mais interessados em si próprios e em viajar do que em cuidar da filha. Lulu, uma antiga hippie da geração paz e amor, havia sido contratada para cuidar da criança.

Aproveitando ela estar a registar a compra de um cliente, Sam teve um momento para olhar em volta. O tecto era pontilhado com luzes que lhe causavam o efeito de um céu estrelado, transformando o simples exercício de procurar um livro, entre as prateleiras, num momento festivo. Um recanto acolhedor para descanso, com poltronas convidativas, estava estrategicamente colocado em frente a uma lareira que, embora apagada, estava limpa, polida e servia de abrigo para mais flores primaveris. O perfume que as flores exalavam adocicava o ar, da mesma forma que as flautas e gaitas-de-foles enchiam o ambiente, espalhando músicas suaves pelo sistema de som do salão.

Estantes pintadas num tom brilhante de azul exibiam os livros. Era uma colecção impressionante de títulos, reflectiu enquanto vagueava pelo interior da loja, e tão ecléctica quanto seria de esperar, tendo em conta a proprietária. Ninguém jamais poderia acusar Mia de ter uma mente fechada.

Os lábios de Sam tremeram ligeiramente quando surgiram à sua frente outras estantes que exibiam velas de ritual, baralhos de tarot, runas, pequenas imagens de fadas, feiticeiros e dragões. Um atraente leque de outro dos grandes interesses de Mia. Ele também não esperaria outra coisa.

Pegando numa das pedras de quartzo-rosa que estavam espalhadas num recipiente largo, Sam esfregou-a por entre os dedos a fim de trazer boa sorte, embora não bastasse apenas isso. Antes de ter a oportunidade de voltar a pôr a pedra no lugar, sentiu um sopro de vento frio nas costas. Sorrindo com descontração, virou-se para encarar Lulu.

— Sempre soube que um dia voltarias. As coisas más voltam sempre.

Esta era a primeira barreira, o dragão que vigiava o portão. — Olá, Lu.

— Não me venhas com essa conversa de “Olá, Lu”, Sam Logan. — Fungou e olhou-o, ostensivamente, de cima a baixo. A seguir, fungou novamente. — Vais comprar essa pedra que tens na mão ou vou ter que chamar o Xerife para te prender?

— Como vai o Zack? — perguntou, colocando a pedra no lugar.

— Vai lá saber por ti próprio, não tenho tempo a perder contigo. — Embora Sam fosse quase quarenta centímetros mais alto, Lulu deu um passo decidido em frente e apontou o dedo diante do nariz dele, fazendo-o sentir-se novamente com doze anos. — Que diabos queres daqui, afinal?

— Vim ver a minha casa. Vim ver a Mia.

— Porque não fazes um favor a todos nós, e voltas para o lugar onde viveste durante todos estes anos?... Nova Iorque, Paris e... Estamos todos muito bem sem ti por aqui.

— Pelo que vejo, isso é verdade. — Olhou em volta da loja de modo casual. Não estava ofendido. Na sua opinião, um dragão servia para defender a sua princesa. Pelo que se lembrava, Lulu sempre estivera à altura do cargo. — Lugar agradável. Ouvi dizer que a cafetaria lá em cima é excepcional. E contaram-me também que é a mulher do Zack que está à frente dela.

— Os teus ouvidos estão realmente em forma. Aproveita, então, e ouve bem isto: põe-te a andar!

Ainda sem se ofender, os seus olhos tornaram-se mais duros e decididos, e o seu verde pareceu acentuar-se. — Vim para ver a Mia.

— Ela está muito ocupada. Depois eu digo-lhe que passaste por aqui.

— Duvido — disse ele baixinho. — Mas ela vai saber de qualquer forma.

E, no exacto momento em que falava, ouviu o som de passos pisando a madeira. Poderia ser qualquer uma, a mulher que, naquele momento, descia elegantemente a escada. Mas ele sabia. Com o coração a saltar dentro do peito, Sam deu a volta às estantes a tempo de a ver pisar o último degrau.

E a visão, apenas aquela visão dela, quebrou-o em mil pedaços.

Porque a princesa, reparou, transformara-se numa rainha.

Mia sempre fora a mulher mais linda que ele já vira. A transição de adolescente para mulher havia apenas adicionado novas e reluzentes cama-

das de esplendor à sua beleza. Os seus cabelos eram exactamente como ele se lembrava, uma longa e exuberante profusão de caracóis flamejantes em torno de um rosto aveludado como pétalas de rosa. Uma pele, lembrava-se bem, suave como uma gota de orvalho. O nariz era pequeno, recto e bem-feito; a boca, larga e cheia. E ele ainda se lembrava perfeitamente da sua textura e do seu sabor. Os olhos amendoados, num tom acinzentado, estudavam-no naquele momento com uma frieza calculada.

Ela sorriu, mas o sorriso também era frio, enquanto caminhava na direcção dele.

O seu vestido, num tom de ouro velho, justo ao corpo, insinuava a presença de pernas longas, muito longas. Os sapatos de salto alto eram da mesma cor do vestido, fazendo com que ela parecesse brilhar, como se estivesse iluminada por uma fogueira. Mas não foi calor o que Sam sentiu quando ela arqueou uma das sobrancelhas e olhou de volta para ele.

— Ora, ora... se não é o Sam Logan... Seja bem-vindo de volta à ilha.

A sua voz estava mais profunda, apenas um pouco mais profunda do que havia sido um dia. Estava mais ardente, mais misteriosa, mais sedosa. Aquela voz parecia atingir Sam em algum ponto da barriga, enquanto ele tentava decifrar o sorriso educado e a saudação impessoal.

— Obrigado. — Deliberadamente, colocou a voz no mesmo tom dela. — É muito bom estar de volta. E tu estás maravilhosa!

— Faz-se o que se pode.

Mia atirou o cabelo para trás. Havia citrinas nas suas orelhas. Todos os pormenores, desde os anéis nos dedos até ao perfume subtil que a envolvia, eram gravados na mente de Sam. Por um instante, tentou a dela mas foi como se a sua linguagem fosse estranha e frustrante.

— Gosto da tua loja — disse Sam com todo cuidado, para manter a voz casual. — Ou pelo menos o que consegui ver até agora.

— Bem, então vamos ter que te oferecer uma visita completa. Lulu, há clientes à tua espera.

— Sei muito bem o que me espera — resmungou Lulu. — Hoje é um dia de trabalho, não é, Mia? Não tens tempo para ficar a circular pela loja com essa pessoa.

— Lulu. — Mia virou a cabeça para o lado como quem dá um aviso silencioso. — Tenho sempre alguns minutos para um velho amigo. Vem comigo, Sam, para veres a cafetaria. — Voltou pela escada por onde acabara de descer, arrastando a mão pelo corrimão. — Já deves ter ouvido que um dos nossos amigos comuns, Zack Todd, se casou no Inverno passado. Nell, a mulher dele, não só é uma amiga muito chegada como também uma cozinheira espectacular.

Sam fez uma pausa ao chegar ao cimo da escada. Estava aborrecido

pelo facto de sentir dificuldade em manter a calma e o equilíbrio. O perfume dela estava a virá-lo do avesso.

O segundo andar da loja era tão acolhedor como o primeiro, com o encanto adicional de uma cafetaria movimentada numa das extremidades do salão, e todos os maravilhosos aromas de especiarias, café e chocolate espalhados pelo ar.

O balcão envidraçado exibia uma selecção deslumbrante de iguarias assadas e vários tipos de saladas. Uma nuvem de vapor aromático subia pelo ar, vinda de um enorme caldeirão de onde, naquele exacto momento, uma loura muito bonita retirava uma concha com sopa para um cliente que aguardava.

As janelas da parede ao fundo deixavam entrever imagens do mar. — É fabuloso! — Isso, pelo menos, Sam podia dizer sem restrições. — Simplesmente fabuloso, Mia. Deves estar muito orgulhosa do que conseguiste fazer aqui.

— E porque não estaria?

Uma ligeira pontada de ironia no seu tom de voz fez Sam virar os olhos para ela. Mas Mia apenas sorriu mais uma vez, gesticulando com uma mão elegante que brilhava com anéis. — Tens fome?

— Mais do que imaginas.

Uma rápida olhadela foi a simples reacção de Mia a essa resposta, e por um instante ele sentiu toda a profundidade daqueles lindos olhos acinzentados antes de ela se virar e seguir para o balcão.

— Nell, trago-te um homem faminto.

— Então ele veio ao lugar certo. — Nell sorriu descontraída, e as suas covinhas apareceram. Os olhos azuis pareciam amigáveis quando se encontraram com os de Sam. — O nosso prato do dia é caril de galinha. A salada especial é camarão à *diablo*, e a sanduíche de hoje é lombinho grelhado com molho de tomate em pão de azeitonas. Além disso, temos os pratos habituais — acrescentou, dando uma palmadinha na ementa — e todos os complementos vegetarianos.

A mulher de Zack, pensou Sam. Uma coisa era receber a notícia de que o seu amigo mais antigo tinha dado o salto fatal do casamento, outra era ver o motivo de perto. Sentiu mais um sobressalto.

— Uma óptima selecção! — comentou.

— Gostamos de pensar que sim.

— Não se pode fazer uma má escolha quando é a Nell a cozinhar — comentou Mia. — Vou deixar-te, por agora, nas suas mãos extremamente capazes e hospitaleiras. Tenho que trabalhar. Ah... Nell, esqueci-me de fazer as apresentações. Este é um antigo amigo do Zack, Sam Logan. Bom apetite — disse ela, retirando-se em seguida.

Sam viu a surpresa tomar conta do lindo rosto de Nell, para logo em seguida testemunhar que todo o ar acolhedor desaparecera por completo. — O que deseja?

— Por enquanto, apenas um café. Puro. Como vai o Zack?

— Muito bem, obrigada.

Sam começou a tamborilar com os dedos na coxa. *Mais um cão de guarda no portão*, pensou, *e não menos intimidador que o dragão, apesar da aparência suave.*

— E a Ripley? Ouvi dizer que ela também se casou no mês passado.

— Também vai bem, e está muito feliz. — A boca de Nell formou uma linha fina e rígida, pouco receptiva, enquanto servia o café e o colocava em cima do balcão. — Não precisa de pagar. Estou certa de que Mia não quer, nem precisa, do seu dinheiro. Eles servem uma refeição bastante aceitável na Pousada Mágica, como estou certa de que o senhor já sabe.

— Sim, eu sei. — *Uma gatinha linda com as garras muito afiadas*, avaliou Sam. — Por acaso acredita que a Mia necessita da sua protecção, Senhora Todd?

— Acho que a Mia consegue lidar com qualquer coisa. — Nell sorriu então, com os lábios finos como lâminas. — Qualquer coisa.

— Eu também acredito nisso! — concordou Sam, pegando no café e seguindo na mesma direcção de Mia.

O canalha. Assim que se viu protegida atrás da porta fechada do seu escritório, Mia soltou estilhaços de ódio para todos os lados. A energia foi tal, que os livros, enfeites e *bibelots* nas prateleiras estremeceram e saltaram. Ele tivera a coragem, a falta de sensibilidade e a *estupidez* de entrar na sua loja como se estivesse a valsar.

De ficar parado a *sorrir* para ela como se esperasse que ela comesse a gritar de alegria e saltasse para os seus braços. E depois aparentar frustração quando não a vira fazer nada disso.

Canalha.

Cerrou os punhos com força, e uma fina racha surgiu no vidro da sua janela.

Mia pressentira o momento exacto em que ele pusera os pés na loja. Da mesma forma que sentira o instante em que ele chegara à ilha. Foi como se uma enxurrada passasse por dentro dela, inundando-a. Dor, choque, alegria, fúria; tudo tão intenso, tudo tão repentino, que ela chegara a sentir vertigens. Emoções atordoantes e conflituosas que se atropelaram, deixando-a fraca e a tremer.

E então ela soube que ele voltara.

Onze anos. Ele abandonara-a sem dar explicações, deixando-a magoada, ferida, desamparada e sem esperanças. Mía ainda sentia vergonha ao lembrar-se da massa trémula de confusão e pesar em que se transformara durante semanas após a sua partida.

Mas conseguira reconstruir a vida a partir das cinzas dos sonhos que Sam deixara no seu coração. Reencontrara o seu objectivo, e descobrira uma espécie de contentamento estável.

Agora ele voltara.

Ela só conseguia agradecer aos céus pelo facto de o conhecimento prévio da sua chegada lhe ter dado tempo para se recompor. Que humilhação terrível seria tê-lo reencontrado sem uma oportunidade para se preparar. E que satisfação maravilhosa tinha sido notar a indisfarçável surpresa e perplexidade no rosto de Sam diante da sua recepção fria e casual.

Estava agora mais forte, lembrou-se a si própria. Já não era a rapariga que depositara o coração, despedaçado e magoado, aos seus pés. E havia, agora, outras coisas mais importantes, muito mais importantes na sua vida do que um homem.

O amor podia ser uma imensa mentira. E já não havia lugar nem tolerância na sua vida para mentiras. Tinha a sua casa, os seus negócios, os seus amigos. Havia formado o seu círculo novamente, e aquele círculo tinha um propósito.

Tudo isso era suficiente para a sustentar e preencher.

Ao ouvir uma batida na porta do escritório, bloqueou os sentimentos e os pensamentos e sentou-se na cadeira atrás da escrivaninha. — Sim?... Entre.

Estava a olhar para os dados no seu monitor quando Sam entrou. Virou a cara na direcção dele de um modo ausente e distraído, permitindo apenas uma sombra de estranheza nos olhos.

— Então?... Não havia nada na ementa que te agradasse?

— Resolvi contentar-me com isto. — Levantou a embalagem de café, desencaixando a tampa e pousando o copo na ponta da mesa. — A Nell é muito leal a ti.

— A lealdade é uma qualidade essencial numa amiga.

— E ela também prepara um café de qualidade superior — completou ele, fazendo um som que significava concordância, para então tomar um gole do líquido quente.

— Também um requisito essencial para um chefe de cozinha. — Bateu com as pontas dos dedos sobre a mesa, num gesto de impaciência controlada. — Ouve, Sam, desculpa... Não quero parecer mal-educada, e tu és mais do que bem-vindo para tomar café e visitar a loja sempre que desejares. No momento, porém, tenho muito trabalho.

— Tudo bem, Mia, não te quero atrapalhar. — Estudou-a por um longo momento, mas a expressão de ligeira irritação no rosto de Mia não cedeu. — Porque é que não me entregas simplesmente as chaves do chalé, e eu vou-me embora para me instalar lá?

— Chaves do chalé? — perguntou ela, abanando a cabeça sem compreender.

— O chalé. O teu chalé amarelo.

— *O meu* chalé? E por que milagre da natureza te entregaria eu as chaves do meu chalé amarelo?

— Porque sim! — Deliciado com o facto de ter finalmente conseguido penetrar no escudo de estudada polidez, Sam retirou alguns papéis do bolso. — Temos um contrato de aluguer. — Pousou os papéis sobre a mesa e afastou-se enquanto ela os agarrava, com indisfarçável raiva, para os ler. — A Círculo Céltico é uma das minhas companhias — explicou, enquanto ela olhava atentamente para os nomes que apareciam no contrato. — Henry Downing é um dos meus advogados. Foi ele que alugou o chalé em meu nome.

A mão de Mia estava a ponto de tremer. Mais do que isso, queria agredi-lo. Pousou-a deliberadamente sobre a mesa, com a palma virada para baixo. — Para quê?

— Tenho advogados para todo o tipo de serviço — explicou ele encolhendo os ombros. — Além do mais, não creio que aceitasses alugar-me o chalé. Mas pensei, tinha mesmo a certeza de que, uma vez que o negócio estivesse concluído, farias questão de honrar a tua parte.

— O que eu quis perguntar foi para que é que precisas daquele chalé. És dono de um hotel inteiro que está à tua disposição.

— Preferi não morar num hotel, nem viver no mesmo lugar em que vou trabalhar. Quero a minha privacidade e algum tempo para mim mesmo. Não conseguiria isso se ficasse no hotel. Ter-me-ias alugado a casa se eu não tivesse feito o contrato através do advogado?

— Claro que sim. — Os seus lábios curvaram-se num sorriso. — Só que teria aumentado o valor do aluguer de forma exorbitante.

Ele riu e, agora mais controlado, bebeu um pouco do café.

— Um contrato é um contrato, Mia, e talvez isto estivesse destinado a acontecer desta forma. Já que os meus pais venderam a nossa antiga casa ao marido de Ripley, fiquei sem ter onde me acomodar aqui. As coisas acontecem normalmente no momento e da maneira que têm de acontecer.

— As coisas acontecem... — foi tudo o que ela disse. Abriu a gaveta e pegou num molho de chaves. — A casa é muito pequena, num estilo um pouco rústico, mas estou certa de que vais conseguir arranjar-te com ela enquanto estiveres na ilha.

Pousou as chaves sobre a mesa, em cima da cópia do contrato.

— Tenho certeza que sim. Porque não jantas comigo hoje à noite? Podíamos pôr a conversa em dia.

— Não, obrigada.

Ele não pretendia convidá-la para sair, não tão cedo. Sentiu-se irritado por não ter conseguido impedir que as palavras lhe escapassem da boca.

— Bem, noutra altura então... — Levantou-se, guardando as chaves no bolso juntamente com os papéis. — É bom voltar a ver-te, Mia.

E, antes que ela conseguisse evitar, pousou a mão sobre a dela. Alguma coisa brilhou visivelmente. O ar em volta crepitou com fagulhas.

— Ah... — Foi tudo o que ele disse, enquanto apertava a mão dela sob a sua.

— Tira a mão de cima da minha. — Mia manteve a voz baixa, e falou devagar enquanto o olhava directamente nos olhos. — Não tens o direito de me tocar.

— Entre nós dois nunca foi uma questão de direito, mas uma questão de necessidade.

A mão dela queria tremer. Por pura força de vontade conseguiu mantê-la firme. — Não há *nós dois* agora. Eu já não preciso de ti, Sam.

Ouvir aquilo magoou-o. Um aperto forte e pontiagudo envolveu-lhe o coração. — Mas eu sei que precisas, Mia, e eu também preciso de ti. Há muito mais a ter em consideração, além de sentimentos antigos e velhas feridas.

— Sentimentos antigos e velhas feridas... — Mia repetiu as palavras como se estivesse a falar noutra língua. — Entendo. Seja lá como for, não me voltas tocar sem a minha permissão. Não vou admitir isso.

— Mas nós temos que conversar.

— Isso implica que temos algo a dizer. — Mia permitiu que um pouco da raiva que sentia naquele instante aflorasse, para de seguida a cobrir com desdém. — Neste exacto momento, não tenho nada a dizer-te. Quero que saias. Conseguiste o contrato, já tens as chaves, já tens o chalé. Foi muito esperto de tua parte, Sam. Mas também, pensando bem, tu sempre foste muito esperto, mesmo quando eras criança. Só que este é o meu escritório, a minha loja. — Quase disse "*a minha ilha*", mas conteve-se. — Não tenho tempo para ti.

Quando sentiu o aperto da mão dele sobre a sua diminuir, encolheu o braço. O ar ficou mais leve.

— Olha, Sam, não vamos estragar a tua visita com uma cena. Espero que gostes da casa. Se tiveres algum problema com o chalé, avisa-me, por favor.

— Eu vou... aproveitar o chalé, e aviso-te se houver algum problema. — Virou-se, dirigiu-se para a porta e abriu-a com cuidado. — E mais uma coisa, Mia... Isto não é uma visita. Eu voltei para ficar, voltei de vez.

E viu, com um prazer quase cruel, o rosto de Mia empalidecer por completo pouco antes de fechar a porta atrás de si.

Saiu dali furioso pelo que dissera e por estragar o primeiro encontro. Desceu apressadamente as escadas e saiu da loja sob o olhar frio e duro de Lulu.

Não seguiu na direcção das docas, onde estacionara o carro. Em vez disso, afastou-se ainda mais do chalé onde viveria algum tempo e foi directamente para a esquadra.

Esperava que pelo menos Zack Todd, agora o Xerife Todd, estivesse no local. *Por Deus*, pensou Sam. Como adoraria se pelo menos uma pessoa, uma única pessoa na ilha, o recebesse de braços abertos, com sinceridade.

Se não pudesse contar com Zack para isso, estaria num situação lastimável. Encolheu os ombros para escapar à ríspida brisa da Primavera que já não lhe agradava.

Ela enxotara-o como se fosse uma mosca. Não com um acesso de fúria, mas com irritação. A faísca que surgira quando as suas mãos se haviam tocado devia significar alguma coisa. Ele precisava de acreditar nisso. O problema é que, se havia alguém capaz de fazer prevalecer a sua vontade e ir contra os caminhos do destino, esse alguém era Mia.

Bruxinha orgulhosa e teimosa, pensou, e então suspirou. O facto de ela ser exactamente assim fazia parte do encanto irresistível que exercia sobre ele. Orgulho e poder eram difíceis de resistir. A não ser que estivesse errado, ela parecia ter mais de ambos agora do que aos dezanove anos.

Isso queria dizer que ele ia ter muito trabalho pela frente, em todos os sentidos.

Soltando o ar com um sopro, empurrou a porta da esquadra com força.

O homem que estava sentado numa cadeira, com os pés sobre a mesa, a falar ao telefone, não mudara muito. Engordara um pouco aqui, emagrecera um pouco ali. Os seus cabelos ainda eram rebeldes e continuavam castanhos e queimados nas pontas por causa do Sol. Os olhos eram os mesmos, penetrantes e profundamente verdes.

E arregalaram-se ao estudar o rosto de Sam.

— Ligo-lhe mais tarde... — disse ao telefone. — Vou enviar toda a papelada por fax ainda hoje, antes do fim da tarde. Sim... Certo. Agora preciso de desligar. — Zack tirou os pés de cima da mesa, pondo-se de pé enquanto desligava o telefone. Então, desenvencilhou-se dos papéis e olhou, sorrindo, para Sam. — Seu filho da mãe!... É o Sr. Nova Iorque em pessoa!

— E vejam que é o Paladino da Lei!

Zack atravessou o pequeno espaço entre eles com três passos largos e barulhentos e agarrou Sam num abraço apertado.

Muito mais do que um simples alívio percorreu o corpo de Sam, pois ali estava o verdadeiro acolhimento. O afecto simples e profundo que se desenvolvera desde a infância.

— É bom rever-te, Zack — conseguiu dizer.

— Digo o mesmo de ti. — Zack afastou-se um pouco para retomar o fôlego. Um sentimento de puro prazer estava estampado no seu sorriso. — E então, Sam? Estou a ver que ficar sentado o dia inteiro atrás de uma mesa não te deixou barrigudo nem careca.

Sam olhou para a área de trabalho desordenada e apertada. — Nem a ti, Xerife.

— Isso mesmo, lembra-te de quem é que manda aqui e mantém-te longe de problemas na minha ilha. Mas que raios estás a fazer aqui? Queres um café?

— Se chamas café ao que está naquele jarro, eu dispenso, obrigado. Estou aqui em negócios. Negócios a longo prazo.

— Estás a falar do hotel? — Zack apertou os lábios enquanto deitava um pouco de café turvo dentro de uma caneca.

— Um dos negócios, sim. Comprei a parte do hotel que ainda pertencia aos meus pais. Agora, é todo meu.

— Compraste-lhes tudo?... — Zack encolheu os ombros e encostou-se a uma das pontas da escrivaninha.

— A minha família nunca se deu muito bem, ao contrário da tua — respondeu Sam secamente. — É uma questão de negócios. O meu pai tinha perdido o interesse no hotel e na ilha, e eu não. E como vão os teus pais?

— Ah... Estão muito bem. Não os encontrei por uma questão de dias. Vieram para o casamento da Ripley e ficaram aqui quase um mês. Cheguei a pensar que eles tinham decidido ficar de vez mas, de repente, levantaram acampamento. Entupiram a caravana que usam como casa e seguiram em direcção ao norte, para a Nova Escócia.

— Que pena não me encontrar com eles. Ouvi dizer que a Rip não foi a única a casar por aqui.

— É verdade. — Zack levantou a mão esquerda, onde uma aliança brilhava. — Eu esperava que viesses ao meu casamento.

— E gostaria de poder ter vindo. — Aquele era um arrependimento real, raríssimo entre muitos. — Mas estou muito feliz por ti, Zack. Com toda a sinceridade.

— Sei disso. E vais ficar ainda mais feliz quando a conheceres.

— Oh, eu já fui apresentado à tua mulher. — Sam sorriu. — E, pelo cheiro dessa porcaria que estás a beber, posso garantir que ela faz café muito melhor do que o marido.

— Foi a Ripley quem fez o café.

— Que seja... De qualquer modo, fiquei muito feliz pelo facto de a tua mulher não ter entornado o café a ferver sobre a minha cabeça.

— Mas porque é que ela...? Ah, já entendi... — Zack encheu as bochechas de ar. — Então é isso? Pois é... a Mia. — Passou a mão pelo queixo. — Nell, Mia e Ripley. O facto é que...

Parou de falar no mesmo instante em que a porta se abriu. Ripley Todd Booke, com o corpo a vibrar desde a aba do boné até às pontas dos dedos dos pés, olhou fixamente para Sam. Os seus olhos, tão verdes como os do irmão, lançavam faíscas de ressentimento.

— Antes tarde que nunca! — anunciou ela enquanto se virava decididamente na direcção de Sam. — Espero por este momento há onze anos.

Zack saltou para a frente dela e segurou-a pela cintura, enquanto Ripley levantava o punho e dava socos no ar.

— Pára com isso! — ordenou Zack. — Acalma-te!

— Ela não amoleceu com o tempo — comentou Sam enfiando as mãos nos bolsos. Se Ripley tinha decidido pregar-lhe um soco na cara, era melhor resolver o assunto de uma vez.

— Não, nem um pouco — confirmou Zack, levantando a irmã no ar enquanto ela continuava a praguejar contra Sam. O seu boné caiu no chão, e os longos cabelos escuros desenrolaram-se em volta do rosto enfurecido. — Ouve, Sam, porque não me dá uns dez minutos aqui com ela? Ripley, pára! — ordenou. — Estás a usar um distintivo da polícia, lembras-te?

— Não há problema! Posso arrancar o distintivo antes de lhe dar um soco na cara. — Soprou os cabelos com os lábios virados para cima para os desviar da frente dos olhos. — Ele bem merece.

— Talvez eu mereça — concordou Sam. — Mas não de ti.

— A Mia é educada demais para te rebentar os beiços. Eu não sou!

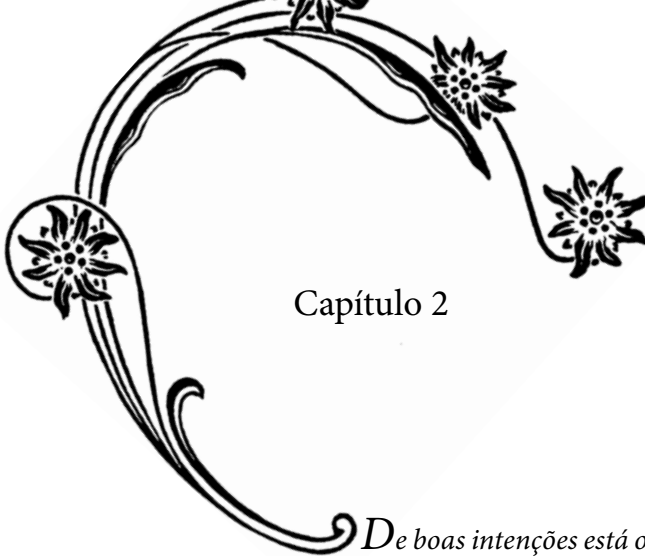
— Foi exactamente isso que sempre admirei em ti. — Sam sorria agora. — Aluguei o chalé amarelo — disse, olhando para Zack enquanto observava Ripley ficar de queixo caído com a notícia. — Aparece lá quando tiveres tempo. Podemos tomar uma cerveja.

Sam só compreendeu que o choque tinha sido completo quando viu que Ripley não lhe deu um pontapé quando se dirigia para a porta. Saiu novamente para a rua e deu mais uma vista de olhos pela cidade.

Conseguira uma calorosa recepção de um velho amigo, mesmo que

três mulheres tivessem formado um apertado círculo de ressentimento contra ele.

Para o melhor ou para o pior, pensou, estava em casa.



Capítulo 2

De boas intenções está o Inferno cheio, pensou Sam. E não precisavam de ser necessariamente boas. Planeara entrar novamente na vida dela e enfrentar a sua fúria, as suas lágrimas e a sua amargura. Mia tinha todo o direito de sentir isso, e ele seria a última pessoa a negar o facto.

Teria aceite de bom grado a sua raiva, as suas maldições e acusações. Pretendia dar-lhe a oportunidade de extravasar cada pingo de ressentimento que ainda estivesse guardado. E, é claro, tinha a intenção de varrer tudo para longe, limpar o caminho e reconquistá-la.

Uma estratégia que, pelos seus cálculos, o levaria à vitória numa questão de horas ou, na pior das hipóteses, de dias.

Afinal, eles estavam ligados um ao outro desde a infância. O que eram onze anos comparados com uma união de sangue, coração e poder?

O que ele não estava preparado para enfrentar era a sua fria e distante indiferença. Ah, sim, claro que ela estava zangada com ele, pensou enquanto estacionava em frente ao chalé. Só que por cima daquela camada de raiva havia uma outra mais espessa. Um escudo de gelo. Para tentar abrir caminho através dessa camada seriam necessários muito mais do que simples sorrisos, explicações, promessas ou mesmo pedidos de desculpas.

Lulu amaldiçoara-o, Nell esbofeteara-o moralmente e Ripley arreganhara-lhe os dentes. Mia não fizera nenhuma destas coisas, mas a resposta dela à sua presença deixara-o arrasado de uma forma que nenhuma das outras fizera.

Ainda doía lembrar-se da maneira como ela havia olhado para ele, com uma espécie de desprezo estudado, especialmente pelo facto de que revê-la tinha remexido em todas as memórias que trazia dentro de si, sacudindo-as com pequenas explosões de saudade, desejo e amor.

Ele amara-a de uma forma obsessiva e escandalosa. E isso tinha sido a raiz, ou uma das muitas raízes entrelaçadas de todo o problema.

Enquanto revolvía as inesperadas dificuldades na sua mente, batia

distraidamente com os dedos no volante. Recusava-se a acreditar que ela não quisesse mais nada com ele. Muita coisa havia acontecido entre os dois, no passado, para que nada tivesse restado.

E se realmente nada restasse, aquela faísca, aquele instante de ligação no momento em que as suas mãos se tinham tocado não teria acontecido. Ele iria agarrar-se a essa ideia, pensava enquanto os dedos apertavam e soltavam o volante. Independentemente do que acontecesse, ele iria agarrar-se a essa faísca.

Um homem determinado podia construir um inferno vulcânico a partir de uma faísca.

Reconquistá-la, fazer o que precisava de ser feito, encarar o que tinha que ser encarado, seria um desafio. Os seus lábios retesaram-se num sorriso. Sam sempre gostara de enfrentar desafios.

Teria de fazer muito mais do que quebrar o gelo de Mia. Teria que passar pelo dragão, e Lulu não era fácil de enfrentar. Depois, precisaria ainda de lidar com as mulheres que protegiam as laterais de Mia: Nell Todd, com a sua calma desaprovação, e Ripley, com o seu temperamento detestável.

Quando um homem estava prestes a enfrentar uma batalha contra quatro mulheres, era bom que tivesse um plano. E uma pele bastante grossa também. Ou seria reduzido a pó num instante.

Ocupar-se-ia disso. Saltou do carro e dirigiu-se ao porta-bagagens. Já estava na hora. Não era exactamente como ele gostaria que fosse, considerando as circunstâncias, mas já estava realmente na hora.

Tirou duas malas do carro e começou a caminhar em direcção à entrada da casa. Depois parou para fazer a primeira avaliação cuidadosa daquela que seria a sua casa nos próximos tempos.

Achou que era, sem dúvida, muito encantadora. Nem as fotografias que vira nem as suas lembranças tinham feito justiça ao chalé. Recordou que um dia este havia sido todo branco e um pouco mal cuidado. A tinta amarela trouxera-lhe calor, e os canteiros com flores, que começavam a explodir com as cores da Primavera, alegravam o exterior. Devia ser coisa da Mia, pensou. Ela sempre tivera um admirável bom-gosto e uma visão clara de tudo.

Sempre soubera exactamente o que queria.

O chalé era pequeno e reservado, suficientemente perto da praia para que o som do mar brincasse através das árvores verdejantes. Além disso, tinha a vantagem de oferecer uma sensação de afastamento e solidão plácida e a conveniência de estar a uma curta caminhada do centro da cidade.

Um excelente investimento, analisou Sam. Mia também devia ter pensado o mesmo.

A menina esperta, pensava enquanto se aproximava da casa, transformara-se numa mulher esperta. Pousou as malas no chão e enfiou as mãos nos bolsos em busca das chaves.

A primeira coisa que sentiu assim que entrou na casa foi uma sensação aconchegante e hospitaleira. Era como se a casa o recebesse de braços abertos. Vem, entra e faz daqui o teu lar, parecia dizer a sala. Não havia energias presas ou sentimentos pesados de antigos inquilinos.

Isso também deveria ser trabalho da Mia. Ela sempre fora uma bruxa competente e atenta a todos os detalhes.

Largou as malas à porta e circulou pela casa. A sala de estar tinha pouca mobília, mas o que ali havia era muito bonito. Pequenas achas de lenha já estavam empilhadas na base da lareira. Os pisos brilhavam, e cortinas finas e rendadas emolduravam as janelas. Um ambiente feminino, pensou, mas podia viver com isso.

Havia dois quartos. Um era bastante aconchegante, o outro... bem, ele só iria precisar de um. A casa-de-banho, imaculadamente limpa e alegre, tinha uma banheira estreita com chuveiro que parecia destinada a causar problemas a um homem alto com pernas compridas.

A cozinha ao fundo da casa parecia mais do que suficiente para as suas necessidades. Sam não sabia cozinhar e nem pretendia aprender. Abriu a porta das traseiras para encontrar mais canteiros com flores e um jardim de ervas aromáticas já montado, além de uma pequena área relvada que seguia directamente até ao bosque primaveril.

Era possível ouvir o mar, o vento nas árvores e, se se ouvisse com atenção, o ruído de um carro dirigindo-se para o centro, o canto dos pássaros e os latidos alegres de um cão.

Sam estava completamente sozinho. Sentiu que um pouco da tensão que se acumulara sobre os seus ombros começava a ceder. Até àquele momento ele não tinha percebido o quanto ansiava por solidão. Não pudera desfrutar muito disso nos últimos dois anos.

Também não era uma coisa que perseguisse activamente, no meio da azáfama das tarefas do dia-a-dia. Tinha objectivos a alcançar e questões a provar, e tais ambições não lhe deixavam tempo nem espaço para os prazeres da solidão.

Não compreendera o quanto necessitava daquela serenidade da solidão, quase tanto quanto precisava de reencontrar Mia. No passado, ele tivera ambas sempre que sentira vontade. E pusera as duas de lado. Agora, a ilha da qual fugira tão depressa quando era mais jovem iria trazê-las de volta.

Teria adorado passear no bosque ou descer até a praia. Ou ir de carro até à sua antiga casa e ver a falésia que ia dar à praia, a sua enseada, e a

caverna onde ele e Mia... Abanando a cabeça, atirou as lembranças para longe. Aquele não era o momento para sentimentalismos.

Havia assuntos práticos a tratar. Linhas de telefone, fax, computadores. O quarto mais pequeno poderia servir como um escritório secundário, embora ele planeasse montar a base do seu trabalho no hotel.

Precisava de mantimentos e sabia que, assim que se dirigisse à cidade para os comprar, a notícia do seu regresso se espalharia por toda a parte como fogo em capim seco.

Trataria disso depois.

Voltou a entrar na casa e seguiu para a sala para desfazer as malas e começar a organizar o seu espaço.

Amigas bem-intencionadas eram uma verdadeira bênção, pensou Mia. Mas também uma maldição. Naquele momento, duas delas acotovelavam-se dentro do seu escritório.

— Acho que devias dar-lhe um pontapé no traseiro — anunciou Ripley. — Aliás, foi isso que pensei há dez anos.

Onze, corrigiu Mia em pensamento. Já se tinham passado onze anos, mas quem é que estava a contar?

— Isso era dar-lhe muita importância. — Nell empinou o nariz. — Seria melhor se ela o ignorasse por completo.

— Não se pode ignorar uma sanguessuga. — Ripley mostrou os dentes. — O que tem que se fazer é arrancar o parasita da pele, atirá-lo ao chão e pisá-lo até que se transforme numa polpa trémula.

— Que imagem linda! — Sentada na escrivaninha, Mia recostou-se e analisou as duas amigas. — Não tenho a intenção de dar um pontapé ao Sam, nem de o ignorar. Ele assinou um contrato de aluguer do chalé por seis meses, e isso faz-me sua senhoria.

— Podias mandar cortar-lhe a água quente — sugeriu Ripley.

— Isso é completamente infantil! — Os lábios de Mia tentavam evitar um sorriso. — Embora reconheça que o resultado pudesse ser satisfatório para mim, não pretendo armar vinganças tolas. E se estivesse realmente disposta a fazer isso, iria mandar cortar a água toda de uma vez. Porque havia de o privar apenas da água quente? Porém... — continuou ela, rindo ao ver que Ripley dava gargalhadas — ele é meu inquilino, e isso significa que tem todo o direito de usufruir dos itens especificados no contrato. Negócio é negócio, e nada mais.

— E porque carga de água alugou ele uma casa aqui na ilha por seis meses? — perguntou Ripley.

— Como é óbvio, o Sam está aqui para assumir pessoalmente os

negócios da Pousada Mágica.

Ele sempre adorara aquele hotel, lembrou-se Mia. Pelo menos era o que ela pensava. No entanto, abandonara-o da mesma forma que a abandonara a ela.

— Somos dois adultos — continuou ela. — Somos ambos donos de estabelecimentos comerciais e temos raízes aqui na ilha. Embora seja um universo pequeno, imagino que iremos conseguir dirigir os nossos negócios, viver as nossas vidas e coexistir pacificamente, com um mínimo de atritos.

— Se acreditas realmente nisso, estás completamente iludida — bufou Ripley.

— Não vou permitir que ele entre na minha vida novamente. — A voz de Mia assumiu um tom firme. — E também não vou deixar a minha vida ser perturbada só porque ele está aqui. Sempre soube que um dia ele voltaria.

Antes que Ripley pudesse falar novamente, Nell lançou-lhe um olhar de aviso. — Tens razão, Mia, claro que sim. E com a época alta a aproximar-se, vocês dois vão estar atarefados demais para se porem no caminho um do outro. Porque não vais lá a casa jantar connosco hoje à noite? Vou testar uma nova receita, e poderia aproveitar a tua opinião.

— Podes pedir a opinião do Zack. Não precisas de me mimar nem de me consolar, irmãzinha.

— Então, porque não nos embebedamos nós três e falamos mal dos homens em geral? — propôs Ripley. — É sempre divertido.

— Por mais atraente que seja a ideia, eu dispenso. Tenho um monte de coisas para resolver em casa... se conseguir a façanha de terminar o meu trabalho aqui.

— Ela quer que a gente se vá embora — explicou Ripley, olhando para Nell.

— É, também acho. — Nell suspirou. Era duro, pensou, querer tanto ajudar uma pessoa e não saber como. — Tudo bem, Mia, mas se houver alguma coisa de que precisas ou queiras...

— Já sei... Estou bem, pessoal, e vou continuar assim.

Mia acompanhou-as até à porta e a seguir sentou-se. Ficou assim, sentada com as mãos no colo. Era autodefesa tentar convencer-se de que conseguiria trabalhar, ou fingir que seria possível atravessar aquele dia como se fosse outro qualquer.

Ela tinha todo o direito de ter raiva e chorar, de renegar o passado e bater com a porta na cara do destino.

Mas não faria nada disso. Não tomaria essas atitudes fracas e inúteis. Decidiu, no entanto, que iria para casa. Levantou-se, pegou na mala e no

casaco leve que trouxera. Ao passar pela janela do escritório, viu-o.

Acabava de sair dum lustroso Ferrari preto. Sam sempre gostara de brinquedos caros e brilhantes, pensou. Tinha trocado a calça de ganga por um fato elegante e penteara os cabelos, embora a brisa já começasse a brincar com eles. Como os dedos dela haviam feito um dia.

Levava uma pasta e caminhava em direcção à Pousada Mágica como um homem que sabia exactamente para onde ia e o que pretendia fazer.

De repente, virou-se para trás e olhou para a janela de onde ela o observava. Os seus olhos fixaram-se nos dela, e Mia sentiu um sobressalto interno, como um golpe de calor que, antes, lhe teria derretido os joelhos.

No entanto, desta vez, permaneceu firme, sem agitação. Quando já tinha passado o tempo suficiente para manter o seu orgulho, deu um passo para trás e afastou-se da janela para longe dos olhos dele.

A sua casa acalmava-a. Sempre tinha sido assim. Em termos práticos, a imponente residência de pedra no alto do penhasco era grande demais para uma mulher sozinha. No entanto, era perfeita para si, e Mia sabia disso. Quando em criança, a casa havia sido muito mais dela do que dos pais. Nunca se importara com os ecos, as correntes de ar ocasionais ou o imenso volume de trabalho e tempo necessários para manter uma casa daquelas dimensões e idade.

As suas antepassadas tinham-na construído, e agora era apenas dela.

Mia modificara poucas coisas na parte de dentro desde que a casa lhe viera parar às mãos. Mudara algum mobiliário, alterara algumas cores, fizera uma modernização básica da cozinha e das casas-de-banho. Mas a *atmosfera* da casa era como sempre havia sido para si. Envolvente, aconchegante.

Houve um tempo em que ela se imaginara a formar uma família ali. Deus, como ela desejara ter filhos. Filhos de Sam. Através dos anos, aprendera a aceitar as coisas que eram e as que jamais poderiam ser, e fizera um ninho de resignação.

Algumas vezes pensava nos seus jardins como sendo seus filhos. Ela criara-os, dedicara tempo e amor para os plantar, nutrir, disciplinar. E eles devolviam-lhe tudo isso em alegrias.

E quando, eventualmente, sentia necessidade de mais do que o prazer gentil e suave que eles forneciam, tinha o drama e a paixão dos penhascos, os segredos e sombras das suas florestas.

Tinha tudo o que precisava, repetia para si mesma.

Mas naquela noite não saiu para brincar com as suas flores, nem caminhou até à beira do desfiladeiro para encarar o mar. Não andou sem rumo pela floresta. Em vez disso, foi directamente para o andar de cima e fechou-se na sala da torre.

Ali, enquanto criança, sempre encontrara refúgio e a emoção das descobertas. Ali, nunca se sentira solitária a não ser que desejasse ou precisasse de ficar sozinha. Ali, ela aprendera, disciplinara e conhecera os raios de luz e a força do próprio poder.

A torre era circular, com as janelas altas, estreitas e arqueadas. O sol do fim de tarde atravessava-as com raios de um tom dourado-pálido que se juntavam sobre o escuro e antigo chão de madeira. Prateleiras curvas acompanhavam as paredes, e sobre estas estavam muitas das ferramentas utilizadas no seu ofício. Potes com ervas, jarros com cristais. Livros de feitiços que haviam pertencido àquelas que tinham vindo antes dela, e os que ela mesma escrevera.

Um velho baú guardava outros objectos. Havia uma varinha que ela própria fabricara usando um galho de bordo que colhera pessoalmente na noite do *Samhain*, quando completara dezasseis anos. Havia também uma vassoura, o seu cálice mais belo, a sua faca ritual mais antiga e uma linda bola de cristal azul-claro. Havia ainda muitas velas, óleos aromáticos, incensos e um espelho mágico.

Tudo isto e mais algumas coisas impecavelmente organizadas.

Recolheu tudo de que precisava e a seguir deixou o vestido cair aos seus pés. Mía preferia, sempre que possível, trabalhar nua.

Então, formou o círculo no chão, invocando o seu elemento, o fogo, para trazer energia. As velas que acendeu com um simples suspiro eram azuis, para trazer calma, sabedoria e protecção.

Já havia realizado aquele ritual, várias vezes, durante a década que passara, sempre que sentira o coração fraquejar ou a determinação falhar. Admitiu que, se não tivesse feito isso, teria descoberto que Sam voltaria à Ilha das Três Irmãs muito antes da sua chegada. Portanto, os anos de relativa paz tinham um preço.

Ela iria bloqueá-lo novamente. Conseguiria bloquear os seus pensamentos e sentimentos em relação a ele, e os dele em relação a ela.

Não se tocariam mais, em nenhuma situação.

Concentrando-se nas palavras mágicas, começou a acender incenso e a espalhar ervas sobre uma bacia com água.

*O meu coração e a minha mente são meus, e vão ficar
Guardados em mim, ao dormir e ao acordar
O que outrora ofereci, com amor e boa vontade*

*Levo hoje de volta, e mantenho a liberdade
Amantes no passado, estranhos seremos agora
Destinos separados pela estrada fora
Que assim seja e assim se faça, nesta hora.*

Com as mãos levantadas e unidas em concha, aguardou pela suave onda de serenidade, a corrente forte de confiança que a limparia por dentro indicando que o ritual estava completo. Enquanto observava e esperava, a água da bacia com ervas, antes plácida, começou a agitar-se.

Mia fechou as mãos e lutou contra um sentimento de fúria. Concentrando a sua energia, atirou Magia contra Magia. — O meu círculo está fechado a todos excepto a mim. Os teus truques são tolos e não me atingirão. Não entres novamente no que me pertence sem o meu convite.

Com um estalar de dedos, as chamas das velas aumentaram subitamente de intensidade, subindo até ao tecto do aposento. O fumo que se ergueu formava ondas que se espalhavam e tornavam a unir-se, descendo e cobrindo a superfície da bacia de água.

Mesmo assim, ela não estava a conseguir alcançar o estado de calma e serenidade. Será que ele se atreveria a testar o seu poder contra o dela? E dentro da sua casa?

Então ele não mudara mesmo nada, decidiu ela. Samuel Logan sempre fora um feiticeiro arrogante. E o seu elemento era a água, lembrou ela ao sentir que a primeira lágrima lhe escapava.

Dentro do seu círculo, por trás da névoa de fumo, ela deitou-se no chão e chorou. Amargamente.

O poderoso circuito de mexericos da ilha espalhou a notícia com rapidez. No dia seguinte, ao amanhecer, o assunto mais quente da cidade — a volta de Sam Logan — apagara qualquer outro mexerico de menor impacto.

Relatos conflituosos garantiam que Sam vendera a Pousada Mágica a um consórcio do continente, que o ampliaria e o transformaria num *resort* sofisticado, não sem antes despedir todos os empregados, ou dar a todos um aumento de salário.

Uma coisa com a qual todos concordavam era que o facto de Sam ter alugado o pequeno chalé de Mia Devlin era muito, muito interessante. Não havia nenhum consenso sobre o que isso significava, apenas que era um grande enigma.

Os habitantes da ilha, na esperança de conseguir mais combustível para as conversas de pé de orelha, simulavam motivos para dar um pulo à loja “Café dos Livros” ou circular pela recepção do hotel. Ninguém tivera

perspicácia suficiente para perguntar directamente a Sam ou a Mia, mas havia muita expectativa e curiosidade no ar, e a esperança de alguma excitação.

Aquele tinha sido um longo e lento Inverno.

— Ele está tão lindo como antes, e duas vezes mais perigoso. — confidenciou Hester Birmingham a Gladys Macey enquanto empacotava as suas compras semanais no Mercado da Ilha. — Entrou aqui em pessoa, cheio de pose, e cumprimentou-me como se nos tivéssemos encontrado há menos de uma semana.

— E o que foi que ele comprou? — perguntou Gladys.

— Café, leite, cereais em flocos. Pão integral, um pacote de manteiga, algumas frutas. As bananas estavam em promoção, mas ele dispensou-as e pagou bastante por morangos frescos. Comprou também um queijo daqueles caríssimos, biscoitos igualmente sofisticados e água mineral. Ah... levou também uma embalagem de sumo de laranja.

— Por essa descrição, percebe-se que ele não pretende cozinhar em casa e nem fazer limpezas. — Com um ar de quem troca confidências, Gladys inclinou-se mais para perto de Hester. — Estive a verificar com o Hank, da loja de bebidas. Ele disse-me que o Sam Logan esteve lá também e que comprou uma fortuna de mais de quinhentos dólares em vinhos, cervejas e uma garrafa de whisky escocês de puro malte.

— Quinhentos dólares! — A voz de Hester baixou quase ao nível de um sussurro. — A senhora acha que ele apanhou algum problema com a bebida em Nova Iorque?

— Não, não, a quantidade não foi assim tão grande. Em compensação, o preço... — sussurrou Gladys de volta. — Duas garrafas de champagne francês e duas daquela marca finíssima de vinho tinto que é a favorita de... nós sabemos quem.

— Quem?

— Mia Devlin, ora essa! — Gladys revirou os olhos. — Pelos céus, Hester, quem imaginou que pudesse ser?

— Ouvi dizer que ela o enxotou da livraria.

— Não, não, nada disso. Ele entrou e saiu com a maior calma e quando bem entendeu. Sei disso porque a Lisa Bigelow estava na cafetaria a almoçar com o primo que veio de Portland, quando ele chegou. Lisa encontrou-se com a minha nora no supermercado e contou toda a história.

— Bem... — Hester parecia gostar mais da outra versão. — A senhora acha que a Mia lhe vai preparar algum feitiço?

— Hester Birmingham, você sabe muito bem que a Mia não faz feitiços. Que coisa absurda de se dizer! — E a seguir deu uma risada. — Mas

até vai ser bastante interessante ver o que é que ela vai fazer. Acho que vou deixar estas compras em casa e vou lá procurar um romance barato e tomar uma chávena de café.

— Telefone-me se descobrir alguma novidade.

— Esteja descansada! — E Gladys piscou o olho a Hester enquanto saía com o carrinho de compras.

Sam estava perfeitamente ciente de que as línguas estavam agitadas. Ficaria desapontado se não estivessem. Da mesma forma que já esperava um pouco de medo, ressentimentos e olhares intrigados quando convocou uma reunião para a manhã seguinte com todos os chefes de departamento do hotel.

Uma parte dos temores foi dissipada quando se tornou claro que uma demissão em massa não estava nos seus planos. Em compensação, alguns ressentimentos aumentaram quando ficou igualmente claro que Sam pretendia não só gerir e desempenhar um papel activo na administração do hotel como também planeava promover algumas mudanças.

— Na época alta trabalhamos praticamente com o nível de ocupação máximo. No entanto, fora da temporada a nossa taxa de ocupação cai assustadoramente, às vezes ficando abaixo de trinta por cento da nossa capacidade.

— É que os negócios em toda a ilha caem nos meses de Inverno. — O gerente de vendas ajeitou-se na cadeira. — Sempre foi assim.

— Aquilo que sempre foi de determinada maneira não se aplica aqui — respondeu Sam com frieza. — O nosso objectivo, para início de conversa, será aumentar a taxa de ocupação até alcançarmos o patamar de sessenta e cinco por cento de hóspedes, no mínimo, durante o ano inteiro. Poderemos alcançar essa meta oferecendo pacotes atraentes para congressos e empresas, bem como pacotes turísticos para fins-de-semana, além de vantagens para pessoas que ficarem hospedadas connosco durante uma semana inteira. Pretendo distribuir alguns memorandos com as minhas ideias. Estes serão devidamente encaminhados aos responsáveis em cada área, até ao final desta semana.

Folheou as suas anotações e continuou: — A seguir, vários dos nossos quartos precisam de uma remodelação completa e mobília nova. Começaremos esse trabalho na semana que vem nos apartamentos do terceiro andar. — Olhou para o gerente de reservas. — Você fará os ajustes necessários para os quartos desse andar.

Sem esperar pela concordância de ninguém, Sam folheou novamente a sua pasta e chegou a outro tópico. — Reparei também que estamos

a sofrer um declínio acentuado nas actividades do restaurante durante o pequeno-almoço e também à hora do almoço, e que tal facto começou a ocorrer há dez meses. Os meus dados indicam que a loja “Café dos Livros” está a atrair muitos dos nossos clientes nessas áreas e nesses horários.

— Senhor! — Uma morena limpou a garganta e ajustou os óculos de armação preta sobre os olhos.

— Sim? Desculpe, qual é o seu nome?

— Stella Farley. Sou a gerente do restaurante. Se me permite falar com franqueza, Sr. Logan, nós nunca vamos ser capazes de competir com a cafetaria e com a comida preparada por Nell Todd. Se pelo menos eu conseguisse... — Parou de falar no exacto momento em que viu Sam levantar um dos dedos.

— A palavra *nunca* não existe no meu dicionário.

— Desculpe, então, Sr. Logan — escusou-se a morena, respirando profundamente. — Acontece que eu estive aqui nos últimos dez meses, e o senhor não.

Um silêncio profundo caiu sobre a sala, como se todos ali tivessem prendido a respiração ao mesmo tempo. Depois de um segundo de reflexão, Sam abanou a cabeça dizendo: — Tem razão, Senhora Farley. E o que foi que consegui observar nestes últimos dez meses?

— Que se quisermos trazer os clientes de volta, para gerar mais receita durante os horários do pequeno-almoço e do almoço, precisamos de fornecer opções diferentes, usando alguma coisa alternativa. A cafetaria oferece comida casual, pratos simples e caseiros, uma atmosfera feita para relaxar e, bem, uma comida de qualidade imbatível. Precisamos de contra-atacar com algo diferente. Oferecer um ambiente mais sofisticado, elegante, formal, de luxo e romance, para criar o clima certo, seja para um jantar de negócios ou uma data especial. Enviei um relatório especial para o seu pai no Outono passado apresentando essa proposta com detalhes, mas até agora...

— A senhora, agora, já não trabalha com o meu pai — disse Sam de forma directa, mas com suavidade, sem sombra de ressentimentos. — Deixe uma cópia do seu relatório na minha mesa ainda esta tarde.

— Sim, senhor.

— Agora — continuou ele após uma breve pausa — se mais alguém enviou ideias ou propostas para o meu pai durante todo o ano que passou, peço que me encaminhe esse material até ao fim da semana. Quero que fique claro que agora sou eu o dono deste hotel. Não só sou o novo dono como também vou administrá-lo. Apesar da minha palavra ser definitiva, espero que os chefes dos diversos departamentos me forneçam dados completos sobre as suas respectivas áreas de actuação. Vou enviar memo-

rando a todos nos próximos dias, e ficarei a aguardar as vossas respostas até quarenta e oito horas após o recebimento. Obrigado a todos.

Sam viu-os sair ordenadamente da sala e começou a ouvir os murmúrios que surgiam do lado de fora antes mesmo de a porta se fechar por completo.

Uma mulher ficou para trás, sentada no seu lugar. Era outra morena e trajava uma roupa simples de cor azul-marinho com sapatos macios e práticos. Tinha à volta de sessenta anos, e já trabalhava no hotel há mais de quarenta. Retirou os óculos, pousou o bloco de taquigrafia e cruzou as mãos sobre o colo.

— É tudo, Sr. Logan?

— A senhora costumava tratar-me por Sam — respondeu ele com uma das sobrancelhas levantadas,

— Naquela altura o senhor não era o meu patrão.

— Senhora Farley... — O olhar dele clareou, como se apenas naquele momento se tivesse dado conta. — Aquela era a sua filha? A Stella? Meu Deus!

— Não invoque o nome de Deus em vão — replicou ela com ar decidido.

— Desculpe, é que eu não fiz a ligação entre as duas. Os meus parabéns — acrescentou. — A sua filha foi a única da plateia que teve a coragem e cabeça suficiente para dizer algo que valeu a pena ser ouvido.

— Eu criei-a para que emitisse as suas opiniões sem medo. Os outros têm medo de si — completou. Patrão ou não, ela conhecia-o desde que nascera. Portanto, se a filha podia falar com franqueza, ela também podia. — A maioria das pessoas que estavam aqui nesta sala nunca havia visto pessoalmente um membro da família Logan. Por bem ou por mal, e agora não vem ao caso, a verdade é que este estabelecimento foi administrado por terceiros, através de procuração, durante mais de uma década. — Havia um tom ácido na sua voz, que era o suficiente para mostrar que as suas opiniões pessoais eram ainda piores. — Veja só. De repente o senhor cai sobre nós de pára-quedas e começa a agitar as coisas. Aliás, sabemos que o senhor sempre foi de agitar.

— É o meu hotel, e precisa de ser agitado.

— É claro, não discordo disso. O problema é que a família Logan nunca demonstrou o mínimo interesse por este lugar.

— É porque o meu pai...

— O senhor não é o seu pai — lembrou a Sam. — Não há motivos, portanto, para o usar como desculpa, quando o senhor mesmo acabou de assinalar o facto e deixar bem claro quem é que manda agora.

A repreensão disfarçada, porém firme, fê-lo abanar a cabeça em

sinal de concordância.

— Está bem, então vamos dizer que eu estou aqui agora e que pretendo dedicar-me a este lugar com todo o interesse e sem procurar desculpas.

— Que bom! — Abriu o bloco de taquigrafia novamente. — Seja bem-vindo de volta.

— Obrigado. Bem. — Sam pôs-se de pé e caminhou até à janela. — Vamos começar agora mesmo. Pelos arranjos de flores.

Sam começou de imediato num ritmo de trabalho puxado que lhe consumiu catorze horas logo no primeiro dia. Como queria manter o negócio a nível local, encontrou-se pessoalmente com um empreiteiro da ilha e começou a analisar as mudanças às quais ia dar início. Instruiu o seu assistente para comprar equipamentos de informática para o escritório, e a seguir marcou um encontro com o gerente da Agência de Turismo da ilha.

Viu e reviu estimativas e cálculos, estudou propostas, avaliou e consolidou ideias soltas que recebera. Sabia o quanto lhe iria custar, não apenas em capital mas em horas de trabalho, implementar todos os seus planos. Mas estava disposto a considerar tudo como um projecto a longo prazo.

Nem todos iriam pensar da mesma forma, admitiu quando parou por uns momentos para meditar e massajar os músculos tensos atrás do pescoço. Como Mia, por exemplo.

Sentia-se grato por já ter material suficiente com que se preocupar para um único dia. Isso ajudava-o a manter os pensamentos longe dela.

Mas pensava nela naquele momento e lembrou-se de como sentira a força do poder de Mia impor-se e sacudir a sua mente, na noite anterior. Ele pressionara de volta, penetrando naquela força por alguns momentos. E vira-a claramente, ajoelhada na sala particular da sua torre, com o corpo coberto apenas por uma pálida luz dourada e os cabelos flamejantes que lhe caíam sobre os ombros.

A sua marca de nascença — o pequeno pentagrama que ficava no cimo da coxa — cintilara naquele instante.

Ele não tinha dúvida de que havia sido um impulso momentâneo de desejo que permitira a Mia quebrar a ligação entre eles de forma tão rápida, e com tanta facilidade.

Não importava. Tinha sido errado intrrometer-se, ainda mais da maneira como o fizera. Rude e errado, e ele arrependera-se quase no mesmo instante.

Agora teria que lhe pedir desculpas, evidentemente. Havia regras de conduta que nem a intimidade nem a animosidade poderiam servir de pretexto para quebrar.

Aquele era um momento ideal para isso, decidiu. Juntou todos os papéis que continham os assuntos mais importantes e enfiou-os na pasta. Iria procurar Mia e depois acabaria o trabalho em casa durante o jantar.

A não ser, é claro, que conseguisse convencê-la a jantar consigo, como uma proposta de trégua. Nesse caso, o trabalho podia esperar.

Saiu do hotel no exacto momento em que Mia saía da livraria do outro lado da rua. Ficaram onde estavam, a olhar fixamente um para o outro, obviamente apanhados de surpresa. Então, ela virou-se e caminhou com passos firmes na direcção de um elegante e pequeno descapotável.

Sam teve que atravessar a rua a correr para a alcançar antes que ela entrasse no carro.

— Espera, Mia! Espera um instante.

— Vai para o Inferno!

— Podes mandar-me para onde quiseres depois de eu me desculpar. — Agarrou a porta do carro, que ela já abrira, e fechou-a novamente. — Agi de forma errada. Não tenho desculpa para esse tipo de descortesia.

Mia ficou surpreendida mas não amoleceu.

— Não me lembro, Sam, de alguma vez na vida te ter visto desculpar-te tão depressa. — Encolheu os ombros — Tudo bem, desculpas aceites. Agora vai-te embora daqui.

— Peço apenas que me dês cinco minutos.

— Não.

— Cinco minutos, Mia. Fiquei enfiado no escritório o dia inteiro e gostaria de andar um pouco para apanhar ar.

Ela não estava disposta a discutir com ele pela posse da porta do carro. Seria algo indigno, e todas as pessoas que passavam à volta já estavam de olho na cena, evidentemente fingindo não prestar atenção. — Ninguém te está a prender. Há muito ar por aqui.

— Dá-me uma oportunidade para me explicar melhor. É só um passeio casual pela praia — pediu ele calmamente. — Se me dispensares agora, aqui no meio da rua, vais apenas fornecer mais material para que os boatos corram soltos. E vais deixar-me ainda mais cismado. Uma conversa amigável, em público, não fará mal a nenhum de nós.

— Está bem. — Deixou as chaves do carro escorregarem para o bolso do seu longo vestido cinzento. — Cinco minutos.

Deu, deliberadamente, um passo para longe dele e enfiou as mãos nos bolsos enquanto caminhavam ao longo da rua em direcção à praia.

— O teu primeiro dia no hotel foi produtivo?

— Sim, foi um bom começo. Lembras-te da Stella Farley?

— Claro. Vejo-a muitas vezes. A Stella faz parte do Clube de Leitura que temos na livraria.

— Hum... — Outro sinal de que ela estivera presente enquanto ocorriam mudanças, e ele não. — Ela tem algumas ideias interessantes para recuperar algum do nosso negócio da hora de almoço que tu nos tens vindo a roubar.

— A sério? — perguntou Mia com satisfação. — Que sorte. — Sentiu pessoas a observá-los enquanto desciam a rua em direcção ao muro que dividia a calçada da areia. Mia parou e descalçou os sapatos antes de colocar os pés na areia.

— Deixa que eu levo-os.

— Não, obrigada.

O mar estava com um tom quente de azul que ficava mais profundo na direcção do horizonte. Numerosas conchas que haviam sido trazidas pela maré-alta estavam espalhadas ao longo das marcas das ondas na areia. Gaivotas circulavam, mudavam de direcção e guinchavam.

— Eu senti-te — começou ele. — Na noite passada. Senti a tua presença e reagi. Não é uma desculpa, é um motivo.

— Já disse que aceito o teu pedido de desculpas.

— Mia. — Ele esticou o braço, mas os seus dedos tocaram apenas ligeiramente a manga do vestido enquanto ela se afastava. — Não quero que me toques. Isso é fundamental.

— Já fomos amigos...

— Fomos mesmo? — E parou para olhar para ele do fundo dos seus olhos frios acinzentados.

— Tu sabes que sim. Éramos mais do que amantes, mais do que se fôssemos... — Quase disse “casados”, mas não completou a frase. — Não era apenas paixão. Nós preocupávamo-nos um com o outro. Compartilhávamos sonhos.

— Sam, agora os meus pensamentos pertencem apenas a mim, e não preciso de mais amigos.

— E de amantes? Nunca te casaste.

Virou o rosto estonteantemente belo para ele com uma expressão que era completamente feminina. — Se o meu desejo fosse arranjar um amante ou um marido, já teria um.

— Tenho a certeza que sim — murmurou ele. — Tu és a mulher mais extraordinária que existe. Pensei muito em ti.

— Pára com isso — avisou ela. — Pára já com isso!

— Vou dizer-te tudo o que tenho para dizer, raios! Pensei em ti.

— Largou a pasta no chão e agarrou-a pelos braços, enquanto irrompia um pouco da frustração que tinha dentro dele. — Pensei em nós dois. O que aconteceu no período em que estive fora não apaga tudo o que representámos, um dia, um para o outro.

— Apaga, sim. Tu apagaste. Agora terás que aprender a conviver com isso, como eu aprendi.

— Não se trata apenas de nós dois, Mia. — Aumentou a pressão sobre os braços dela. Podia senti-la a vibrar como se tivesse electricidade na pele, e sabia que ela estava a ponto de explodir a qualquer momento, como mulher ou como bruxa. — Sabes muito bem disso, tanto quanto eu.

— Não existe nenhum “nós”. Então tu achas que depois de todo este tempo, depois de tudo o que construí, depois de tudo o que aprendi, eu seria capaz de permitir que o destino brincasse comigo outra vez? Não vou ser usada novamente, Sam. Nem por ti, nem por uma maldição que já vai completar três séculos.

Um único relâmpago brilhante desceu do céu limpo com uma fúria inesperada, explodindo na areia entre os pés deles. Sam não moveu um músculo, mas esteve bem perto disso.

A sua garganta ficou completamente seca. — Sempre tiveste um controlo admirável sobre os elementos, Mia.

— Pois lembra-te bem disso. E lembra-te de mais uma coisa: estou farta de ti!

— Nem em sonhos, minha querida. Tu precisas de mim para quebrar a maldição. Estás realmente disposta a arriscar tudo? As pessoas, as coisas, toda a ilha, por causa do orgulho?

— Orgulho!? — A cor desapareceu completamente do seu rosto e o corpo ficou rígido. — Idiota arrogante! Então tu achas que isto é orgulho? Partiste-me o coração!

As palavras e a maneira como a sua voz tremeu, fizeram com que ele baixasse as mãos.

— Fizeste mais do que partir— continuou ela. — Reduziste-o a pó. Eu *amava-te*. Teria ido a qualquer lugar e feito qualquer coisa por ti. Senti como se estivesse de luto quando te foste embora, cheguei a pensar que ia morrer por tua causa.

— Mia... — A tremer, ele esticou o braço para lhe tocar nos cabelos mas viu a sua mão ser desviada com um estalo.

— Só que eu não morri, Sam. Superei tudo e consegui seguir com a minha vida. Gosto muito do que sou agora e já não volto atrás. Se vieste até aqui porque pensavas que alguma coisa poderia ser diferente, estás a perder o teu tempo. Tu nunca me terás novamente, e o que não terás, o que deitaste fora, teria sido a melhor coisa da tua vida.

Afastou-se, com passos largos e descontraídos, deixando-o sozinho a olhar para o mar sabendo que ela estava certa.



Capítulo 3

— *Tu fizeste o quê?*

Zack enfiou a cabeça dentro do frigorífico à procura de uma cerveja. Conhecia bem aquele tom de voz. A sua mulher não o usava com muita frequência e era por isso que fazia tanto efeito.

Demorou bastante para retirar a cerveja e certificou-se de que a sua cara estava relaxada e composta antes de olhar para ela.

Nell estava à frente do fogão, onde algo maravilhoso cheirava muitíssimo bem. Tinha uma colher de pau bem presa numa das mãos e os dois punhos fechados sobre as ancas. Zack achou que ela parecia uma apresentadora furiosa e extremamente *sexy* de um programa de culinária.

Pensou, no entanto, que aquele não seria o melhor momento para fazer um comentário daquele género.

— Convidei o Sam para jantar — repetiu ele, sorrindo, enquanto abria a lata de cerveja. — Sabes como eu gosto de exhibir os dotes culinários da minha mulher, que também é incrivelmente bela.

Quando a viu semicerrar os olhos, tomou um grande gole da bebida. — Algum problema? Tu nunca te incomodaste em receber pessoas para jantar.

— Não me importo de ter companhia. Mas incomoda-me a presença de pessoas sórdidas.

— Nell, concordo que o Sam e eu podemos ter sido um pouco rebeldes, causadores de problemas quando éramos crianças, mas ele nunca foi “sórdido”. E é um dos meus melhores amigos.

— Só que despedaçou o coração de uma das *minhas* amigas, e tua também. Deu cabo da vida dela e depois foi para Nova Iorque, e sabe Deus mais onde, por mais de dez anos. Depois... Depois — continuou ela, tentando refinar ainda mais a raiva — volta aqui para a ilha esperando que todos o recebam de braços abertos.

Bateu com a colher de pau na bancada da cozinha. — Eu não estou interessada em chamar a banda para receber o Sam Logan.

— E se for só um trompetista?

— Tu achas que isto é uma brincadeira? — Enraivecida, Nell saiu a passos largos em direcção à porta das traseiras.

Zack conseguiu saltar e chegar à porta a tempo.

— Não! Desculpa — disse, acariciando-lhe os cabelos. — Escuta, tenho pena do que aconteceu entre o Sam e a Mia. Senti na altura e ainda o sinto agora. O facto é que eu fui criado com o Sam desde pequeno e nós somos amigos. Bons amigos.

— Porque não usas o verbo no tempo correcto, “éramos”?

— Porque para mim continuamos a ser. — Para Zack as coisas eram realmente simples. — Importo-me muito com a Mia, da mesma forma que me importo com ele. Não quero ficar numa posição em que tenha que escolher um dos lados, não na minha própria casa. Mais do que isso, mais do que qualquer outra coisa, não quero que tu e eu fiquemos às turras por causa deste assunto. Reconheço que não o deveria ter convidado para jantar sem antes te ter consultado. Vou desmarcar tudo.

Nell reprimiu um suspiro mas não conseguiu evitar um beicinho.

— Dizes isso agora só para eu me sentir pequena e desprezível.

— E resultou? — perguntou ele, depois de um segundo.

— Sim, raios! — Empurrou-o ligeiramente. — Vamos, sai da minha frente. Já que vamos ter companhia para o jantar, não faz sentido deixar a comida queimar.

Mas Zack não saiu da frente dela. Em vez disso, pegou-lhe nas mãos e disse: — Obrigado.

— Não me agradeças até que eu tenha conseguido resistir toda a noite sem lhe lançar um feitiço para que apanhe urticária ou lhe apareçam verrugas na cara.

— Combinado. Que tal deixares-me pôr a mesa?

— Que tal fazeres isso então?

— Queres que ponha velas?

— Sim! Velas pretas. — Nell fez uma careta enquanto voltava à cozinha para dar uma olhadela no *risotto*. — Para afastar as energias negativas.

Zack soltou um suspiro que era quase um assobio. — Vamos ter uma noite daquelas!

Sam chegou com uma garrafa de vinho numa das mãos e um ramo de narcisos, amarelos como ouro, na outra. Mas Nell não se sentiu amaciada com isso. Foi educada — educada até demais, a ponto de ser formal — e serviu o vinho na confortável varanda da frente, com canapés que resolvera preparar à pressa no último instante.

Sam não sabia se aquilo tudo significava que Nell estava a tentar ser amigável ou apenas a mostrar que ele seria admitido na casa de forma gradual.

— Espero não lhe ter trazido nenhum problema, Nell. — disse Sam.
— Não há nada pior do que convidados de última hora.

— Tem razão. Nada pior, não é? — replicou ela com doçura. — Mas também estou certa de que não está acostumado com comida improvisada, e tentei arranjar algo mais adequado. Espero que sirva.

Virou-lhe as costas e voltou para dentro de casa enquanto Sam soprava com força, enchendo as bochechas. Agora tinha a certeza. Seria aceite, mas em estágios dolorosos e graduais.

— Está a correr muito bem... — comentou com ironia.

— Mia significa muito para ela. Por uma série de motivos — explicou Zack.

Sam anuiu simplesmente com a cabeça enquanto se levantava e ficava encostado à grade da varanda. Lucy, a Labrador preta de Zack, deitou-se de costas exibindo a barriga para um afago amigável e abanando a cauda para fazer charme. Pondo-se de cócoras, Sam atendeu ao seu pedido.

Ele sabia das razões da lealdade de Nell para com Mia. Tinha feito questão de pesquisar e de se informar, durante os anos em que estivera fora, sobre tudo o que acontecia na ilha. Sabia, com detalhes, que Nell estava em fuga quando chegara à Ilha das Três Irmãs tentando escapar de um marido que abusava dela. Simulando a própria morte, e demonstrando com isso uma coragem que Sam secretamente admirava, a jovem trocara de nome e disfarçara-se, enquanto ziguezagueava por todo o país, empregando-se como empregada de mesa ou como cozinheira em restaurantes de baixo padrão.

Acompanhara o noticiário e a ampla cobertura dos media sobre Evan Remington que cumpria agora pena numa prisão para doentes mentais.

Sabia também que Mia oferecera a Nell um emprego como chefe de cozinha no “Café dos Livros” e lhe dera um lar. E, suspeitava ele, ensinara-a a aprimorar o seu dom.

Sam reconhecera Nell como uma das três no instante em que a vira.

— A tua mulher passou por maus bocados, Zack.

— Muito maus. Arriscou a vida para se salvar. Quando aqui chegou, foi a Mia quem lhe ofereceu a oportunidade de se estabelecer com dignidade, criar raízes. Eu também sou muito grato à Mia por isso. E mais, — acrescentou, esperando que Sam voltasse a olhar para ele — tu deves ter ouvido falar de Evan Remington.

— Figura poderosa de Hollywood, advogado famoso, agente de estrelas, espancador de mulheres, psicopata. — E terminou retesando o corpo: — Soube também que ele te tirou uma boa fatia com uma faca, quando tentava agarrar a Nell.

— Sim. — Inconscientemente, Zack massajou o ombro com a mão no lugar em que Remington o esfaqueara. — Ele seguiu-a até aqui à ilha, agrediu-a antes de eu chegar e depois conseguiu tirar-me do caminho com a faca. A Nell fugiu para o bosque atrás da casa sabendo que ele iria atrás dela e que provavelmente não teria tempo para acabar comigo. — O seu rosto tornou-se sombrio com as recordações. — Quando me consegui recuperar e fui atrás dele, a Ripley e a Mia já estavam lá. Presentiram que a Nell estava em apuros.

— Sim, a Mia saberia.

— O filho-da-mãe estava com uma faca encostada à garganta dela. — Mesmo naquele momento, a imagem que lhe dançava na mente provocava-lhe raiva. — E ele ia matá-la, Sam. Talvez eu conseguisse atingi-lo com uma bala certa, ou talvez não, mas ele tê-la-ia morto de qualquer maneira. Foi a própria Nell que se salvou. Reuniu tudo o que tinha dentro dela, tudo o que ela é, e lançou a sua força em cima dele com a ajuda da Mia e da Ripley. — Eu vi tudo o que aconteceu — murmurou Zack. — No bosque atrás do chalé onde estás a morar. Testemunhei um círculo de luz surgir do nada, uma luz intensa e ofuscante. De repente, Remington estava no chão contorcendo-se e gritando.

— A tua mulher tem muita coragem e fé.

— Tem mesmo — concordou Zack. — Ela é tudo para mim.

— És um homem de sorte — afirmou Sam, embora naquele momento lhe parecesse inalcançável a ideia de que uma mulher, qualquer mulher, pudesse ser tudo para um homem. — O amor que ela tem por ti também é uma coisa que se percebe de longe. Mesmo quando está aborrecida contigo — disse com um leve sorriso. — Como agora, por teres convidado Judas para se sentar à mesa dela.

— Porque fizeste isso, Sam? Porque é que te foste embora?

— Por uma infinidade de razões. — Sam abanou a cabeça. — Algumas delas ainda estou a tentar entender. Quando conseguir descobrir todas, vou explicar tudo a Mia.

— Estás com muitas expectativas em relação a ela.

Sam estudou demoradamente o vinho dentro do copo. — Talvez sempre tenha tido.

Zack fez todo o esforço possível para manter a conversa num tom informal, descontraído e agradável, durante o jantar. Pelos seus cálculos, falou mais durante aquela hora do que normalmente falava numa semana. No entanto, todas as vezes que lançava um olhar de súplica em direcção a Nell, ela ignorava-o.

— Dá para ver o porquê de a cafetaria nos ter roubado uma quantidade tão grande de clientes. — disse Sam. — A senhora é uma artista na cozinha, Senhora Todd. A minha maior tristeza é que não tenha entrado no hotel, assim que chegou à ilha, em vez de ter ido parar à “Café dos Livros”.

— Fui para onde o destino me levou.

— Acredita nisso? Em destino?

— Acredito. Completamente. — Levantou-se para arrumar a mesa. Quando se virou em direcção à cozinha, Sam fez um sinal com a cabeça na direcção de Zack que queria dizer “deixa-nos sozinhos por um momento”.

Pesando mentalmente, de um lado, a ira da sua mulher e, do outro, a completa exaustão que sentia por estar a tentar manter as coisas calmas, Zack levantou-se da mesa. — Preciso de levar a Lucy para dar uma volta. — E, usando a cadela como desculpa, saiu apressadamente.

Nell lançou um olhar fulminante ao ver aquela retirada inesperada. — Porque não vai com o Zack? Vou preparar um café num instante.

Alheado, Sam baixou-se para afagar o gato cinzento que tinha saído de debaixo da mesa e que se estava a espreguiçar. O gato assanhou-se.

— Vou ajudá-la na cozinha — disse Sam, depois de escapar, por pouco, a um arranhão na mão. Viu Nell lançar ao gato, a quem ouviu chamar Diego, um pequeno olhar de aprovação.

— Não quero ajuda.

— Não quer a *minha* ajuda — corrigiu Sam. — Saiba que o Zack é o melhor amigo que já tive.

Em vez de se dignar a lançar um olhar na direcção do visitante, Nell abriu a máquina de lavar loiça e começou a enchê-la.

— A sua concepção de amizade é muito estranha.

— Não importa a definição; é um facto. O Zack é importante para nós dois. Portanto, pelo bem dele, espero que possamos fazer uma trégua.

— Não estou em guerra consigo.

Sam reparou no gato novamente. Diego tinha voltado e estava sentado aos pés da dona a observá-lo com os olhos apertados. — Mas gostaria de estar.

— Certo. — Ela fechou com força a porta da máquina da loiça e virou-se. — Gostaria de o pendurar pelos dedos dos pés, pelo que fez com a Mia. E enquanto estivesse ali, pendurado e desconfortável, gostaria de acender uma pequena fogueira por baixo, para o ver assar lentamente, com grande sofrimento. E enquanto estivesse a assar lentamente, e gritando de tanto sofrimento, eu gostaria de...

— Já percebi.

— Se percebeu, deve saber o quanto é inútil tentar seduzir-me.

— A senhora, por acaso, fez todas as escolhas certas na vida, as melho-

res escolhas, as mais sábias, quando tinha vinte anos?

— Eu nunca magoo propositalmente ninguém. — Abriu a torneira da água quente com um empurrão.

— E se por acaso isso acontecesse, propositalmente ou não, por quanto tempo acha que deveria ser punida? Bolas! — resmungou baixinho ao ver que ela o ignorava, para em seguida fechar pessoalmente a torneira barulhenta.

Nell reclamou e levantou a mão para abrir a torneira outra vez. Furioso, ele fechou as mãos em cima das dela.

Uma forte luz azul, acompanhada de uma descarga energética, surgiu entre os seus dedos entrelaçados.

Nell ficou sem acção enquanto a sua raiva dava lugar ao choque. Manteve a mão colada à dele enquanto mudava a posição do corpo de forma a olhá-lo directamente nos olhos.

— Porque é que ninguém me contou? — perguntou.

— Não sei... — Sam sorriu enquanto a luz forte diminuía para se transformar num brilho pálido — ... irmã.

Confusa, ela abanou a cabeça com força. — Só três pessoas formam o círculo.

— Três... as que vieram das três irmãs originais. Mas os elementos são quatro. O seu é o ar, e aquela que o representava no passado não possuía a sua coragem. O meu é a água. Você acredita no destino, acredita na Arte. Estamos ligados, e você não pode modificar isso.

— Não. — Mas senti que precisava de um tempo para pensar nisso, com calma e atenção. Lentamente, separou a sua mão da dele. — Mas também não sou obrigada a gostar disso e nem de si.

— Acredita no destino, acredita na Arte, mas não acredita no perdão.

— Acredito no perdão quando é merecido.

Sam deu um passo para trás e enfiou as mãos nos bolsos. — Vim até à sua casa esta noite pensando em envolvê-la com o meu charme. Vim com a ideia de raspar algumas camadas do seu ressentimento e antipatia por mim. Parte disso foi puro orgulho. É duro saber que a mulher do nosso melhor amigo nos detesta.

Pegou na garrafa de vinho, serviu-se de uma pequena quantidade e continuou: — Outra parte foi estratégia. Sei perfeitamente que a senhora e a Ripley defendem sempre a Mia.

— Não vou admitir que ela seja ferida novamente.

— E tem a certeza de que é isso que eu vou fazer, não é? — Pousou o copo na bancada. — Eu vim até aqui e senti de perto o que a senhora e o Zack construíram juntos. Os laços profundos que ambos construíram. Sentei-me à sua mesa, e a senhora alimentou-me, embora na verdade tivesse vontade

de me pendurar de cabeça para baixo, preso pelos dedos dos pés. Por tudo isto, em vez de a cativar eu é que fui cativado.

Sam olhou em volta. Aquele sempre tinha sido um lugar aconchegante e amigável. No passado, ele havia sido bem-vindo ali. — Admiro-a pelo que conseguiu fazer com a sua vida. E invejo-a pela visão clara de como construir um lar feliz. O Zack é muito importante para mim.

Olhou de novo para Nell, embora ela continuasse calada. — Sei que é difícil, Senhora Todd, fazê-la acreditar nisto, mas é tudo verdade. Não pretendo fazer nada que possa trazer complicações para a sua relação com o Zack. Vou sair pelas traseiras enquanto ele está ocupado com a Lucy.

— Mas eu ainda não acabei de preparar o café — disse Nell, enxugando as mãos.

Sam voltou-se e olhou para ela.

Foi então que Nell percebeu a razão de Mia se ter apaixonado por ele. Sam não era apenas um homem perigosamente bonito. Nos seus olhos ela viu muito poder, e também muita dor.

— Ainda não estou preparada para o perdoar — continuou ela, falando com firmeza. — Mas se o Zack o considera um amigo, é porque deve ter alguma boa qualidade. Em algum lugar. Sente-se, por favor. Vamos ter bolo recheado com frutas para a sobremesa.

Ela tornara-o mais humilde, avaliou Sam mais tarde enquanto caminhava de volta para o chalé. A linda loura de olhos azuis que a princípio havia sido extremamente educada e formal, em seguida brutalmente franca e depois cautelosamente compreensiva, tudo numa só noite, deixara-o de rastos.

Era muito raro, para si, o desejo de conseguir o respeito de alguém. Naquele momento, porém, Sam sabia que precisava muito de obter o respeito de Nell Todd.

Caminhou até à praia, como fizera tantas vezes quando ainda era menino. Impaciente e inquieto. Depois, resolveu voltar para casa. Sem um pingão sequer de satisfação.

Como explicar que, mesmo tendo amado a casa perto do barranco e da enseada, ele jamais a sentira como o seu lugar? Não sentiu nenhum pesar quando o seu pai a vendeu.

A enseada em si, e a caverna, estas sim haviam representado muito para ele. A casa, no entanto, sempre lhe parecera apenas um monte de madeira e vidro, com pouco calor do lado de dentro. Cobranças, sim, sempre tinham existido em grande quantidade. Para que ele se tornasse um Logan, para que fosse bem-sucedido, para que superasse todos os outros.

Bem, ele acabara por conseguir realizar tudo o que os pais esperavam, mas meditava agora sobre o quanto isso lhe custara.

Pensou novamente no espírito que existia na casa dos Todd. Sam sempre acreditara que as casas possuíam um espírito, e a casa de Zack e Nell tinha muito afecto e calor humano. O casamento parecia realmente funcionar para algumas pessoas, decidiu. O compromisso, a unificação das almas e as promessas. Tudo feito não apenas pela conveniência ou por *status*, mas de coração.

Essa era, para si, uma dádiva muito, muito rara.

Na casa da sua infância sempre havia existido pouca afeição. É claro que não existira negligência na sua educação, nem abusos, nem maldades. Os seus pais sempre tinham sido como sócios, e nunca, na sua memória, haviam formado um casal de verdade. E o casamento deles era tão eficientemente frio como uma fusão entre empresas.

Ainda se lembrava de momentos em que se sentira confuso, às vezes fascinado, e vagamente envergonhado pelas demonstrações abertas de afecto que presenciava constantemente entre os pais de Zack.

Pensou neles naquele instante, viajando por toda parte na sua casa sobre rodas e, pelo que lhe tinham contado, divertindo-se como nunca. Os seus pais teriam considerado completamente absurda a simples menção dessa ideia.

Em que medida, perguntava-se, é que as pessoas de quem viemos contribuem para a nossa formação? Será que a infância funcional de Zack o deixara predisposto a criar, agora, a sua própria família funcional e feliz?

Ou seria tudo apenas uma lotaria?

Ou seríamos, afinal, aquilo que fazíamos de nós próprios, através de cada escolha que levava a uma outra escolha, e assim por diante?

Fez uma pausa, olhou para longe e observou a lança de luz branca que varria a superfície da água. O farol de Mia, nos penhascos de Mia. Quantas e quantas vezes no passado ficara de pé a olhar para aquele mesmo fecho de luz, cheio de esperanças, pensando nela?

Desejando estar com ela.

Não conseguia identificar ao certo o momento em que tudo começara. Havia momentos em que ele achava que já nascera desejando-a.

E tinha sido aterrorizador aquele sentimento de que estava a ser arrastado em direcção a uma espécie de pântano por uma maré que se começara a formar antes mesmo de ele ter nascido.

Quantas noites tinha o desejo por ela sido tão forte que chegava a doer? E mesmo depois, quando a teve, mesmo quando estava dentro dela, ele sentira essa dor. Para si, o amor tinha sido como uma tempestade cheia de prazeres ilimitados e terror abjecto.

Ainda na praia, Sam enviou os seus pensamentos como se fossem

pássaros planando sobre as águas escuras seguindo em direcção ao facho de luz. Em direcção aos penhascos e à casa de pedra. Em direcção a ela.

E a muralha que ela construíra em torno de tudo o que possuía rejeitava esses pensamentos, mandando-os de volta para ele.

— Vais ter que me deixar entrar, Mia — murmurou na noite. — Mais cedo ou mais tarde.

Por ora, resolveu deixar as coisas como estavam e continuou a caminhar em direcção ao chalé. A sensação de estar sozinho, que tanto apreciara no primeiro dia, começou a parecer-lhe um peso, e acabara por se transformar em solidão. Sam tentou afastar esse peso e, em vez de entrar no chalé, seguiu na direcção do bosque.

Até à hora em que Mia resolvesse conversar com ele, teria que aprender tudo o que precisava de aprender e ver o que precisava de ver através de outros meios.

A escuridão era completa, com uma explosão de estrelas no céu e um fiapo de lua em forma de foice. Mas havia outras maneiras de ver, mesmo sem luz. Tentou entrar em sintonia com a noite. Conseguiu ouvir o gorgolejar de um riacho e sentiu que flores silvestres dormiam nas suas margens. Havia o sussurro de um pequeno animal entre os arbustos e o chamamento de uma coruja.

Sentiu o aroma de terra e água e soube que haveria um pouco de chuva antes mesmo de chegar o amanhecer. E sentiu o Poder.

Movendo-se no meio da escuridão, através das árvores e arbustos, seguia com os passos confiantes de um homem que passeia por uma rua principal numa tarde ensolarada. Sentia o Poder a pulsar dentro de si com o arrepio excitante da magia.

E então viu, num lugar onde havia apenas terra coberta de folhas secas, o local exacto em que o círculo havia sido invocado.

As três são fortes quando se ligam, pensou. Ele sentira o mesmo formigueiro de energia na praia, o que indicava que um círculo de Poder havia sido conjurado lá também. Mas este havia sido formado antes e, portanto, ele queria vê-lo primeiro.

— Seria muito mais simples se elas me contassem — disse em voz alta. — Mas provavelmente não tão gratificante. Por isso..

Levantou as palmas das mãos para cima, como uma taça pronta para encher.

*Quero ver, e peço isso às três que são parte de mim
Uso como espelho a noite e o perfume do alecrim
Para saber o que houve, através da visão do passado
Mostrem-me como e quando este círculo foi criado*

*Para que eu possa começar a minha tarefa e a minha caça
Tragam esta visão com detalhes, através da fumaça
Que assim seja agora e assim aqui se faça.*

A noite tornou-se mais transparente e ondulou como uma cortina ao vento. Dividiu-se: medo, como um coelho preso numa armadilha; ódio, agudo e selvagem como dentes destruidores; e amor, envolto num manto de coragem.

Viu tudo o que Zack lhe havia contado. Viu Nell a correr pelo bosque, e os seus pensamentos eram claros para ele. Ela sentia medo e dor por causa de Zack, um desespero que a impelia para a frente, não apenas para escapar do homem que a perseguia mas também para salvar o homem que ela amava.

Os punhos de Sam fecharam-se quando viu o momento em que Remington se atirou sobre ela e encostou a faca afiada à sua garganta.

As emoções golpeavam-no, vindas de todos os lados. Apareceu Mia, usando um vestido preto polvilhado com estrelas de prata, e Ripley, empunhando um revólver. E Zack, sangrando, apontando a própria arma.

A noite estava cheia de loucura e terror.

A magia começou a zunir. Pulsava vinda de Nell, que começava a brilhar enquanto rejeitava todos os seus medos. Começou a brilhar em torno de Mia, cujos olhos se tornaram tão brilhantes quanto as estrelas do seu vestido. A seguir, devagar, quase de forma relutante, cintilou vinda de Ripley no instante em que ela baixou a arma e agarrou na mão de Mia.

E foi então que o círculo queimou como fogo azul.

O golpe dessa visão apanhou Sam de surpresa e fê-lo recuar dois passos até se conseguir recompor. Só que, com o susto, perdeu o controlo sobre a visão e esta começou a desvanecer-se até desaparecer por completo.

— O círculo não foi quebrado. — Levantou a cara, observando as nuvens que passavam rapidamente cobrindo momentaneamente as estrelas.
— Vais ter que me deixar entrar, Mia, ou tudo isto terá sido em vão.

Mais tarde, naquela mesma noite, sem planos prévios nem preparativos especiais, Sam procurou alcançá-la novamente em sonho. E flutuou lentamente de volta a um tempo em que o amor era doce, fresco e completo.

Ela tinha dezassete anos e umas pernas muito compridas, o cabelo parecia uma juba de fogo e os olhos eram tão quentes e envolventes como uma névoa morna de Verão. A sua beleza deixou-o tonto, como sempre. E ele sentiu um punho fechar-se em volta do coração.

Ela ria muito enquanto caminhava com dificuldade ao longo da enseada. Usava uns calções curtos de cor caqui, e um *top* colorido num tom azul

forte que deixava de fora os braços e alguns centímetros da sua barriga. Sam conseguia sentir o cheiro dela acima dos odores do sal e do mar. Conseguia respirar fundo e embriagar-se com a fragrância avassaladora que vinha de Mia.

— Não queres nadar? — Ela ria novamente enquanto levantava água com os pés. — Vamos lá, João Tristonho, conta-me o que te está a deixar amuado e pensativo.

— Não estou amuado.

Mas estava. Os pais andavam a tratá-lo com frieza porque naquele Verão ele decidira ficar na ilha a trabalhar no hotel, em vez de ir para Nova Iorque. Naquele momento Sam perguntava-se se teria sido um erro, um terrível erro. E sentia-se desesperado e confuso por ter permanecido na ilha por causa de Mia.

Na verdade, a ideia de ficar afastado dela mês após mês era ao mesmo tempo atormentadora e impensável.

No entanto, ele começara a pensar no assunto. Começara a pesar os prós e os contras, mais e mais, todas as vezes que deixava a Ilha das Três Irmãs para voltar ao continente para as aulas na faculdade. Começara a considerar fazer um teste a si mesmo, inventando desculpas para não voltar à ilha, para não voltar para ela, em alguns fins-de-semana durante o semestre.

Cada vez que deixava o continente e entrava no barco, tanto a ilha quanto Mia atraíam-no de volta. Agora, começava a recusar a rotina de escape que parecia ter sido feita sob medida para ele. Precisava de algum tempo para repensar a sua vida. Reconsiderar.

Mas quando Mia chegara à praia, ele estava demasiado cheio de desejo para se sentir triste ou pensar em estar em qualquer outro lugar onde não estivesse com ela.

— Se não estás amuado, prova-o! — Ela estava de costas para a água, e as pequenas ondas que chegavam lambiam-lhe a parte de trás das pernas, envolviam-lhe os joelhos e subiam pelas coxas longas e lisas. — Vem brincar.

— Estou muito velho para brincadeiras.

— Pois eu, não. — Mia mergulhou de lado na água, deslizando através da espuma como uma sereia. Quando voltou à superfície, com água pingando dos cabelos e a blusa sedutoramente colada aos seios, Sam achou que fosse enlouquecer. — Mas esqueci-me. O senhor já tem quase dezanove anos. É demasiado importante para chapinhar na água.

Deu então mais um mergulho na parte menos funda, arrastando-se suavemente sob as águas de tom azul-escuro. Quando ele lhe agarrou o tornozelo, Mia deu um pontapé e veio à superfície a rir.

Como sempre, o som do seu riso deixou-o enfeitiçado.

— Eu dou-te a importância — disse ele, empurrando-a de volta para dentro da água.

Era tudo inocente. O Sol e a água, o glorioso e brilhante início do Verão, a fina e escorregadia linha divisória entre a infância e o futuro.

Mas a inocência não poderia permanecer para sempre.

Espalharam água para os lados, salpicaram-se um ao outro, e nadaram tão suavemente como os golfinhos. Depois encontraram-se, como sempre costumavam fazer, com os lábios sedentos colados um ao outro, primeiro sob a água, para em seguida se apertarem ao subirem ofegantes para a superfície. A necessidade surgiu dentro deles, tão forte, urgente e envolvente que ela sentiu o corpo tremer quando ele se enroscou à sua volta. Os seus lábios, quentes e molhados, partiram em direcção aos dele com uma confiança e aceitação que o sacudiu até aos ossos.

— Mia. — Sabendo que iria morrer desejando-a, Sam encostou o rosto ao seu cabelo molhado. — Temos que parar com isto, Mia. Vamos dar uma volta. — Mas enquanto falava, as suas mãos moviam-se em torno do corpo dela. Não conseguia parar.

— Tive um sonho esta noite — contou ela, com suavidade. Aninhada nos seus braços, suspirou. — Sonhei contigo. Os meus sonhos são sempre contigo. E quando acordei, soube que seria hoje. — Inclinou sedutoramente a cabeça para trás. Ele não teve como evitar a sensação de ser arrastado por aqueles grandes olhos acinzentados. — Quero estar contigo e mais ninguém. Quero entregar-me a ti e a mais ninguém.

O sangue dele pulsava por ela. Tentou pensar no que era certo e errado, tentou pensar no amanhã. Mas só conseguia pensar no momento presente.

— Tu tens que ter certeza, Mia.

— Sam... — Ela cobria o rosto dele com beijos quentes. — Eu sempre tive certeza.

Afastou-se um pouco dele, mas apenas para lhe pegar na mão. Foi ela quem o levou para fora da água e o puxou pelo braço até à caverna escavada na pequena falésia da praia.

A caverna estava fresca e seca, e era suficientemente alta na parte central para que os dois pudessem ficar em pé. Subitamente, Sam viu o cobertor estendido a um dos cantos, junto à parede de pedra, e as velas espalhadas pelo chão. Olhou para ela.

— Eu disse-te que já sabia que ia ser hoje — explicou Mia, sorrindo. — Este é o nosso lugar especial. — Olhando para ele, tacteou para alcançar os pequenos botões que desciam pela parte da frente da sua blusa. Sam notou que os dedos dela tremiam.

— Estás com frio.

— Um pouco.

Deu um passo na direcção dela. — E com medo.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso. — Um pouco. Mas não vai ser por muito tempo.

— Vou ser cuidadoso contigo.

Mia deixou os braços caírem ao lado do corpo para que ele acabasse de desabotoar a sua blusa.

— Sei que vais ter cuidado. Eu amo-te, Sam.

Ele baixou os lábios de encontro aos dela enquanto acabava de tirar a fina blusa de algodão. — E eu a ti.

E o pequeno sentimento de medo dentro dela desapareceu por completo — Eu sei..

Ele já a havia tocado antes e também tinha sido tocado por ela. Eram carícias gloriosas, muitas vezes frustrantes, e sempre apressadas. Agora, enquanto se despiam, as velas acendiam-se sozinhas ganhando vida. Quando se deitaram sobre o cobertor, uma fina cortina de névoa pareceu cobrir a entrada da caverna, fechando-os dentro dela.

As suas bocas encontraram-se, doces e quentes. No exacto momento em que a onda de prazer começava a aumentar, sentiu-o conter-se. Os dedos dele, por vezes trémulos, alisavam e passavam por cima de cada parte da sua pele como se temesse que ela pudesse desaparecer por baixo deles.

— Nunca te irei abandonar — murmurou ela. E deu um gemido forte de prazer quando a boca dele encontrou o seu seio.

Ela arqueou-se por baixo dele, mãos acariciando, corpos tão fluidos como a água que os perfumava. Quando ele olhou para ela, os cabelos molhados e espalhados desordenadamente sobre o cobertor, os seus olhos enevoados pelo prazer que ele lhe trazia, tremeu com o poder.

E fê-la voar. Ela gritou alto, um som que lhe surgiu do fundo da garganta e pareceu rasgar-lhe o corpo e atravessá-lo, fazendo-o sentir-se invencível. E quando ela se abriu, oferecendo-lhe a sua inocência, ele estremeceu.

Através da força do sangue que era bombeado, da necessidade urgente, ele lutava para ser suave. Mesmo assim, viu o lampejo de choque no seu olhar.

— Vai ser só um instante. — Em delírio, ele cobriu o seu rosto de beijos. — Prometo. Apenas um minuto. — E então, rendido às exigências do próprio corpo, tomou-a por completo.

Ela agarrou com força as pontas do cobertor e segurou o grito de dor que queria sair da sua garganta. No entanto, quase ao mesmo tempo em que a dor começou veio uma sensação de calor. A sua respiração estremeceu mais uma vez e transformou-se num suspiro. — Sim... — Virou os lábios para o lado do pescoço dele. — Sim, claro que sim...

E começou a mover-se por baixo dele. Levantou as ancas e tomou-o

ainda mais fundo, para depois recuar arrastando-o com ela. Quando o aconchego se transformou em calor, os seus corpos começaram a suar. Agarrados, eles envolveram-se nessa sensação de unidade.

Quando ela já descansava nos braços dele, meio a sonhar, a luz das velas era dourada.

— Foi aqui nesta caverna que ela o encontrou.

Sam roçou suavemente os dedos sobre os ombros de Mia. Não conseguia parar de a tocar. A névoa sexual, difusa e preguiçosa, enchia-lhe a mente a ponto de o fazer esquecer tudo o que o deixara tão preocupado na praia.

— Hum? O que disseste?

— Aquela que se chamava Fogo. A minha antepassada. Foi aqui que ela encontrou o *selkie* em forma humana e se apaixonou enquanto ele dormia.

— Como é que sabes isso?

Mia ia começar a dizer que sempre soubera, mas abanou simplesmente a cabeça. — Ela tirou-lhe a pele e escondeu-a num lugar secreto para que pudesse mantê-lo com ela na forma de homem. Fê-lo por amor. Não podia ser errado porque era por amor.

Aquecendo-se no aconchego dos momentos que se seguiram, Sam fungou suavemente junto ao pescoço dela. De repente, queria ficar ali para sempre com ela. Não queria mais nada, mais ninguém. Nunca quereria. Nunca poderia. Naquele momento, a compreensão dessa realidade deixou-o mais tranquilo, em vez de o pôr nervoso ou inquieto.

— Nada é errado quando é feito por amor.

— Mas ela não conseguiu mantê-lo junto a si — disse Mia suavemente. — Alguns anos mais tarde, quando já tinham filhos, e depois de ela já ter perdido as suas irmãs e o seu círculo, ele encontrou a sua pele. E não conseguiu evitar fazer o que fez. Era a sua natureza. Uma vez que encontrasse a sua pele, nada poderia fazê-lo ficar. Ele abandonou-a, voltou para o mar e esqueceu-se que ela existia. Esqueceu a sua casa, esqueceu até os filhos.

— Pensar nisso deixa-te triste. — Ele puxou-a mais para perto de si. — Não quero que te sintas triste neste momento.

— Não me abandones. — Mia enterrou o rosto no ombro dele. — Nunca me deixes. Acho que morreria, como ela morreu, sozinha e com o coração despedaçado.

— Nunca te abandonarei, Mia. — Mas alguma coisa gelou dentro de si. — Nunca. Olha. — Mudou de posição para que ficassem de frente para a parede da caverna. Levantou um dedo e encostou-o contra a pedra fria. Uma luz forte saiu da ponta do dedo e gravou palavras na rocha.

Mia leu em voz alta as palavras escritas em gaélico, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. — O meu coração é o teu coração. Agora e para sempre.

Então, levantando o seu próprio dedo, gravou um nó celta por baixo das palavras. Uma promessa de unidade.

Depois virou os olhos marejados de lágrimas em direcção aos dele.
— E o meu é teu.

Sozinha em sua casa, Mia virou a cabeça e enterrou-a no travesseiro. E no seu sono murmurou o nome dele.



Capítulo 4

A chuva começou antes mesmo do amanhecer. Veio juntamente com vento travesso e inquieto que fazia estremecer as folhas mais tenras e claras, e formava uma espuma na superfície do mar escuro. Durante todo o dia a ventania continuou a soprar e a chuva a cair, e o mar foi-se tornando cada vez mais cinzento até assumir a mesma tonalidade do céu. E não havia sinais de que o tempo pudesse melhorar durante a noite.

Era bom para as flores, dizia Mia para si mesma enquanto estava à janela e observava a impassível sonolência das trevas. A terra estava a precisar de água e, apesar do frio, não havia o perigo de cair geada sobre os rebentos delicados.

No primeiro dia com tempo bom tiraria folga do trabalho. Pretendia gastar algumas horas a trabalhar nos seus jardins. Um dia inteiro só para si, sem companhias nem exigências de espécie alguma. Apenas ela e as suas flores.

Essa era uma das vantagens e privilégios de ser dona do próprio negócio.

Essa regalia ocasional ajudava a contrabalançar o peso da responsabilidade, tanto pelos negócios como pela Magia.

Mia tinha dezenas de coisas para resolver na loja naquele dia. Não importava que tivesse dormido tão mal, revirando-se de um lado para o outro na cama devido aos sonhos perturbadores, ou que o seu humor estivesse tão mau que tudo o que gostaria de fazer era continuar enterrada debaixo dos cobertores. O facto de ter considerado, ainda que brevemente, essa possibilidade, tinha sido suficientemente aterrador para a fazer levantar.

Foi então que se lembrou que Nell e Ripley tinham ficado de passar em sua casa naquela manhã. O simples facto de ter esquecido esse encontro importante já era sintomático. Mia *nunca* se esquecia de nada. Pelo menos as duas amigas seriam uma distração, algo para a manter longe das lembranças e dos sonhos intrusos que não eram bem-vindos na ordem disciplinada

da sua vida.

Ele tivera a ousadia de se infiltrar nos seus sonhos. O canalha.

— Preferes fazer isto noutra altura? Mia!

— O quê? — Franzindo a testa, olhou para cima. Pela deusa, ela não estava a conseguir sequer prestar atenção à sua distração. — Não, não, desculpem-me. Esta chuva está a deixar-me desconcentrada e irritada.

— Certo. — Ripley atirou-se para cima de uma poltrona e pôs a perna sobre um dos braços. Havia uma enorme tigela com pipocas ao seu colo, da qual ela tirava descuidadamente várias ao mesmo tempo. — Como se fosse o tempo a incomodar-te.

Sem dizer nada, Mia caminhou até ao sofá e sentou-se toda encolhida. Enfiou os pés descalços sob as pontas do vestido e balançou a ponta do dedo na direcção da lareira de pedra do outro lado da sala. Os pequenos toros de lenha explodiram numa chuva de fagulhas e chamas crepitantes.

— Agora está melhor. — Aninhou-se sobre um dos almofadões de veludo, como se não tivesse nenhuma outra preocupação que não fosse o seu conforto. — Nell, o que é que querias conversar comigo antes de começarmos a discutir os nossos planos para o solstício?

— Olhem só para ela... — Ripley apontou para Mia com o cálice de vinho e atirou uma quantidade generosa de pipocas para a boca com a outra mão. — Parece até a presidente de uma daquelas associações de beneficência formadas por damas da alta sociedade.

— Não estamos muito longe disso. Associação, encontro... De qualquer forma, se em algum momento quiser presidir aos trabalhos, Senhora Delegada...

— Já chega. — Nell levantou a mão em sinal de paz. Parecia que tinha sempre que levantar a bandeira da paz quando Mia e Ripley passavam mais de dez minutos juntas. Em alguns momentos parecia-lhe que seria muito mais simples se as duas batessem com a cabeça uma na outra. — Porque não damos por encerrada esta parte inicial de troca de insultos na nossa programação e passamos adiante? Gostaria de dizer que, na minha opinião, a primeira reunião do Clube de Culinária foi um sucesso.

Mia acalmou a sua raiva e concordou com a cabeça. Depois inclinouse, contemplou com um certo interesse as uvas que arranjara sobre um prato raso verde-claro, e escolheu uma. — Foi realmente um sucesso. Foi uma ideia maravilhosa, essa tua, Nell. Acho até que isto vai acabar por trazer novas e inesperadas fontes de negócios para a livraria e a cafetaria. Só naquela noite vendemos mais de uma dúzia de livros de culinária, e outros tantos desde então.

— Estive a pensar, Mia. Depois de darmos um espaço de dois ou três meses para ver se a ideia realmente pega e o interesse se mantém, podíamos

planear alguns eventos combinados, de culinária associada a alguma data especial. Talvez na época do Natal, por exemplo. Sei que ainda estamos muito longe do fim do ano, mas...

— Mas não custa nada fazer planos — completou Mia. E, mordiscando uma segunda e suculenta uva, lançou um sorriso deliberadamente forçado na direcção de Ripley. — Há um grande número de romances importantes nos quais a comida desempenha também um papel importante, e alguns deles até têm receitas. Poderíamos sugerir um deles para livro do mês, e o Clube de Culinária poderia preparar os pratos. Toda a gente se diverte.

— E tu vendes livros — assinalou Ripley com cara de inocente.

— Por estranho que pareça, Delegada, esta é a função básica da livraria. Podemos agora passar ao próximo assunto?

— Espera, há mais uma coisinha — interrompeu Nell.

— Tudo bem, diz. — Mia parou de falar e levantou uma sobrancelha enquanto olhava para Nell.

— Sei que vender livros é a função básica da loja, mas... — Parecendo um pouco nervosa, Nell apertou os lábios com força. — Bem, eu tive uma outra ideia, há algum tempo. Tenho tentado imaginar se poderia resultar, ou se valeria a pena. Tu podes até achar que é uma coisa um pouco descabida, mas...

— Ai, pelo amor de Deus, Nell. — Sem a mínima paciência, Ripley ajeitou-se melhor na poltrona e pôs a tigela de pipocas de lado. — Ela acha que tu deverias expandir a cafetaria, Mia.

— Ripley! — reclamou Nell. — Será que não me podes deixar falar por mim mesma, à minha maneira?

— Posso, só que não posso ficar aqui à espera uma semana. Tenho que voltar para casa antes do anoitecer, e tu pareces que...

— Expandir a cafetaria? — interrompeu Mia. — Mas ela já ocupa quase metade do segundo andar da loja.

— Sim, da maneira como as coisas estão projectadas agora. — Depois de lançar um olhar reprovador a Ripley, Nell voltou-se novamente para Mia. — Ouve, se arrancares as janelas do lado leste, construíres um pequeno terraço de, digamos, dois metros e meio por sete, e instalares portas deslizantes, terás mais lugares disponíveis para os clientes se sentarem, além do benefício de se ficar ao ar livre, respirando a brisa do mar, quando o tempo estiver bom.

Como Mia não disse nada e levantou apenas o copo da mesa, Nell apressou-se. — Eu poderia aumentar a ementa, adicionando mais alguns itens aqui e ali, oferecendo mais opções de entrada para um jantar agradável, casual, durante o horário nocturno na temporada de Verão. É claro que tu irias precisar de arranjar mais ajuda, e... e eu devia era meter-me na minha vida.

— Eu não disse isso. — Mia recostou-se. — Mas é uma ideia complicada.

Há a divisão das zonas e o código de obras. Depois, há o custo propriamente dito e o cálculo dos lucros em relação às despesas. Além da inevitável perda de receita durante as obras de remodelação.

— Eu... já fiz alguns cálculos em relação a tudo isso.— Com um sorriso rápido e um pouco tímido, Nell retirou um monte de papéis da sua pasta.

Mia olhou para aquilo e depois tornou a recostar-se dando uma longa gargalhada. — Ora, ora, vejo que tens andado muito ocupada, irmãzinha. Tudo bem, deixa-me dar uma olhadela e pensar no assunto. É intrigante — murmurou. — Mais lugares sentados, mais conforto para os clientes, mais opções de comida... Imagino que, se a ideia for um sucesso, vamos acabar por abocanhar também uma fatia da clientela do hotel na hora do jantar, pelo menos durante a época alta.

Diante do olhar satisfeito de Mia, Nell sentiu uma pontada de culpa. — Há mais uma coisa. Nós recebemos o Sam Logan para o jantar — disse abruptamente.

— Como? — O sorriso de Mia desapareceu instantaneamente.

— Puseste aquele canalha a comer à vossa mesa? — Ripley saltou da poltrona, indignada. — Serviste-lhe uma refeição? Pelo menos aproveitaste a oportunidade para o envenenar?

— Não, não o envenenei. Raios, na verdade nem fui eu que o convidei. Foi o Zack. Eles são amigos. — Nell lançou a Mia um olhar cheio de dor e de culpa. — Não posso dizer ao Zack quem ele pode ou não convidar para a sua própria casa.

— Deixa só o Mac tentar convidar algum filho-da-mãe traidor para encher a pança à nossa custa. — Ripley mostrou os dentes como se se estivesse a preparar para arrancar um pedaço do marido, quer ele tivesse essa ideia ou não. — O Zack sempre foi um completo idiota!

— Espera um pouco... — reagiu Nell.

— Ele já era meu irmão muito antes de se transformar em teu marido — ripostou Ripley. — Tenho todo o direito de lhe chamar idiota, especialmente quando ele é idiota.

— Isto não leva a nada. — disse Mia com toda a calma, chamando para si a atenção de Nell e Ripley. — Não há sentido nenhum em ficarmos aqui a atirar culpas e recriminações umas às outras. O Zack tem todo o direito de escolher os amigos e de os receber em sua casa. Não há motivo para a Nell se sentir culpada por causa disso. O que existe entre o Sam e eu é um problema apenas nosso, e não afecta mais ninguém.

— Ai não? — Nell abanou a cabeça com força. — E porque foi que nunca ninguém me contou que ele é igual a nós?

— Porque ele não é! — As palavras saíram de forma explosiva da boca de Ripley. — O Sam Logan não é como nós.

— Não creio que a Nell estivesse a dizer que ele é uma rapariga — disse Mia secamente. — Ou mesmo um habitante da ilha. Embora, claro, que tendo ele sido criado aqui, será sempre considerado um ilhéu. — Abanou a mão como se estivesse a pôr o assunto de lado. — O facto de ele ter o dom não tem nada a ver connosco.

— Tens a certeza disso? — perguntou Nell.

— Nós somos as três! — Na lareira de pedra, as chamas aumentaram de intensidade e estalaram no ar. — Nós formamos o círculo. Cabe a nós fazer o que precisa de ser feito. Só porque um... qual foi o termo maravilhoso que a Ripley usou?... Ah, sim... Só porque um canalha possui dons de Magia, isso não muda nada.

Deliberadamente calma, Mia esticou a mão para apanhar outra uva. — Agora, voltando ao solstício...

Ela não permitiria que aquilo mudasse alguma coisa. Faria o que precisava de ser feito, sozinha ou com a ajuda das irmãs. Porém, jamais permitiria que mais alguém entrasse no círculo delas. Ou no seu coração.

No momento mais profundo da noite, enquanto toda a ilha dormia, ela foi até aos penhascos. A chuva fria escorria, e o mar negro chicoteava as pedras pontiagudas como se numa noite pudesse desgastá-las até ficarem completamente lisas. À sua volta, o vento irritante e furioso subia e formava remoinhos.

Não havia uma única luz, nenhum momento de alívio para a escuridão, excepto pelo feixe de luz circulante que saía da torre do farol ao lado dela e que parecia cortar o ar acima da sua cabeça, acima dos rochedos e acima do mar, para logo a seguir a deixar novamente sozinha na escuridão.

Voa daqui, agora! Sussurrava-lhe a voz esperta e maliciosa ao ouvido. *Lança-te no espaço, deixa tudo para trás e acaba com todos os problemas de uma vez. Porquê lutar contra o inevitável? Porquê obrigares-te a viver em total solidão?*

Quantas vezes já ouvira aquela mesma voz? Quantas vezes estivera naquele mesmo lugar, testando-se, forçando-se a resistir? Mesmo quando o seu coração estava em pedaços, viera até ali. E vencera. Jamais cederia.

— Não vais conseguir vencer-me! — Sentiu o frio envolvê-la, enquanto a névoa escura serpenteava, rastejando entre as pedras pouco acima do chão como dedos gélidos que se enroscavam lentamente em volta dos seus tornozelos para a tentar e a arrastar para o abismo. — Nunca cederei! — reafirmou, levantando os braços com força e abrindo-os em forma de cruz.

E o vento selvagem invocado por ela chegou, rasgando a névoa negra em pedaços.

Levantando o rosto na direcção da chuva, deixou que as gotas lavassem a sua face como se fossem lágrimas.

*O que é meu, protejo, sirvo e conservo
Acordada ou dormindo, calada observo
Ao que fui e sou, serei sempre fiel
No que digo e faço, nunca serei cruel
Este voto reafirmo e jamais irei quebrá-lo
O meu destino está escrito, vou fazê-lo meu vassalo
Que assim seja e se faça, pois aqui jamais me calo.*

A Magia envolveu-a e penetrou-a, e ela sentiu-a pulsar no seu coração, enchendo-o de energia.

Com os olhos fechados, cerrou os punhos como se pudesse golpear o rosto da noite e assim rasgar o véu que a impedia de ver o que a aguardava.

— Porque não *descubro* o que está para vir? Porque não vejo? Porque não sinto? Porque não posso fazer nada, a não ser esperar?

Algo se mexeu no ar, como se fossem mãos macias acariciando o seu rosto. Mas não era conforto que ela queria, nem paciência que procurava. Por isso, virou as costas a tudo, aos penhascos e ao mar. A capa chicoteava nas suas costas enquanto ela corria em direcção às luzes da sua casa.

Enquanto Mia se enroscava num manto de solidão e isolamento, aconchegada na casa acima do penhasco, Lulu estava confortavelmente em sua casa, deitada na cama com o seu terceiro cálice de vinho, o seu mais recente livro sobre crimes reais — *Diário de um Canibal Americano* — e um grande pacote de batatas fritas de queijo com alho. Na parede oposta do quarto, a televisão explodia numa saraivada de balas, enquanto Mel Gibson e Danny Glover levavam tudo à frente no filme *Arma Mortífera*.

Para Lulu, aquele era o ritual sagrado de todos os sábados.

As suas roupas de dormir consistiam nuns calções velhos todos rasgados, uma camisa larga que anunciava a quem quisesse ler que era melhor ser rico do que burro e uma lâmpada de leitura adaptada num gorro.

Ela mastigava, bebia, dividia a sua atenção entre o livro e o filme, tudo ao mesmo tempo, e tinha a convicção de que estava numa espécie de paraíso pessoal.

A chuva tamborilava do lado de fora da sua casinha simples e colorida, e o vento agitava as cortinas penduradas nas janelas. Contenta, levemente bêbeda, estava esparramada debaixo da colcha de retalhos que ela mesma fizera com pedaços de tecidos de lã em xadrez, pontas de algodão estam-

pado e uma infinidade de retalhos diversos, muitos deles manchados, ao estilo hippie.

As palavras na página começaram a desfocar. Por isso, ajustou os óculos e endireitou-se um pouco mais. Queria pelo menos acabar aquele capítulo para descobrir se a jovem prostituta da história seria suficientemente idiota para ter a garganta cortada e as entranhas retiradas à faca pelo vilão.

Lulu esperava que não.

Mas a sua cabeça caía constantemente sobre o livro. Ela puxava-a para trás. Pestanejava. De repente, seria capaz de jurar que ouvira alguém a chamar pelo seu nome.

Já estou a ouvir coisas, pensou revoltada. Ficar velho era a grande partida que Deus pregava às pessoas.

Limpou a borda do cálice de vinho e olhou para o filme na TV.

E lá estava Mel Gibson, com o seu lindo rosto a encher o ecrã e os olhos brilhantemente azuis, enquanto olhava para ela, sorrindo e dizendo: — Olá, Lu. Como vão as coisas?

Ela esfregou os olhos e pestanejou várias vezes. A imagem, porém, continuava ali. — Mas que diabos?...

— É o que eu sempre digo! Que diabos! — A imagem foi-se afastando para trás o suficiente para que ela pudesse ver a arma nas mãos do actor. O cano do revólver estava em primeiro plano e parecia ter o diâmetro de um canhão. — Ninguém quer viver para sempre, não é?

A explosão projectou-se para fora do aparelho, emitindo uma luz quente vermelha para dentro do quarto. A dor aguda no peito de Lulu fê-la dar um grito enquanto pressionava freneticamente as mãos entre os seios. As batatas fritas voaram para todos os lados, enquanto, apavorada, ela procurava sinais de sangue no corpo.

Não encontrou nada a não ser o bater descompassado do seu coração.

No ecrã, Mel e Danny discutiam sobre procedimentos policiais, e o filme continuava como se nada tivesse acontecido.

Abalada, sentindo-se uma velha tola, Lulu foi a cambalear até à janela. *Um pouco de ar fresco*, pensou. *Clarear as ideias. Devo ter adormecido por um momento*, concluiu enquanto puxava a cortina para um dos lados e abria completamente a janela.

Começou a tremer. Lá fora estava tão frio como no Inverno. Muito mais frio, analisou, do que deveria estar naquela época do ano. E a névoa que envolvia o jardim na frente da casa formava remoinhos escuros junto ao relvado, dando-lhe um tom estranho.

Da janela, Lulu conseguia ver a sua Calíope feita de flores e a lua que espreitava por entre elas. A pequena gárgula de pedra com a língua de fora

a insultar os transeuntes, estava no seu lugar. As gotas de chuva pareciam agora ter-se transformado em pequenas pedras de gelo e, quando ela pôs a mão de fora, sentiu fisgadas geladas que pareciam querer atravessar a sua palma estendida.

Os seus óculos escorregaram do nariz quando recolheu bruscamente a mão para dentro. E quando os colocou novamente, podia jurar que a gárgula de pedra estava mais próxima da casa e virada mostrando três quartos do seu rosto familiar.

Começou a sentir uma dor no peito devido ao batimento acelerado do coração.

Preciso de óculos novos, também. Além dos ouvidos, a visão está a ir-se embora.

Enquanto olhava fixamente para o pequeno monstro corcunda de pedra, este virou a cabeça por completo na sua direcção, mostrando dentes longos e terríveis.

— Jesus Cristo!

Ela ouvia-os, podia ouvir o barulho que faziam batendo uns nos outros, ao mesmo tempo que ele se aproximava lentamente da casa em direcção à janela aberta. Atrás dele, o pequeno sapo tocador de flauta que ela comprara na semana anterior começou a saltar também, acompanhando a gárgula com uma cara não menos ameaçadora. E a flauta que ele tocava era agora uma faca comprida e afiada.

— Ninguém se irá importar.

Tremendo, ela virou o rosto para trás. Na televisão, uma grande cobra de desenho animado, com o rosto de Mel Gibson no lugar da cabeça, ria para ela de modo assustador enquanto dizia: — Ninguém vai ligar se morreres hoje. Não tens ninguém no mundo, não é verdade Lulu? Não tens marido, não tens filhos, não tens família. Ninguém vai dar a mínima importância ao teu desaparecimento.

— Mentira! — O terror fê-la gritar quando viu que a gárgula e o seu companheiro se tinham aproximado mais da casa enquanto ela não estava a olhar. E ouvia o ranger dos dentes e a faca cortando a névoa.

— Isso é tudo mentira! — Com as mãos trémulas e a respiração descontrolada, Lulu fechou a janela e caiu de costas, atingindo o chão com força e sentindo uma dor aguda nos ossos.

Ficou ali, caída, tentando recuperar o fôlego, lutando para recuperar a calma. Conseguiu pôr-se joelhos, gatinhou choramingando até à sua cesta de costura e agarrou em duas compridas agulhas de tricô para as utilizar como arma.

No entanto, quando conseguiu reunir forças suficientes para voltar até à janela, a chuva caía novamente de forma suave e constante e toda a névoa

havia desaparecido. A gárgula de pedra, tão familiar, simpática e inofensiva, estava novamente agachada no seu lugar de sempre, pronta para insultar a próxima pessoa que passasse pela calçada.

Lulu voltou para a cama, esfregou os olhos com os dedos, mais uma vez, e deixou-os escorrer pelo rosto empapado de suor.

— Deve ter sido efeito daquele *chardonnay* — disse bem alto, como que para se convencer a si mesma.

Porém, pela primeira vez desde que se mudara para aquela casinha, revistou todos os quartos, um a um, armada com as suas agulhas, enquanto trancava todas as portas e janelas.

Por mais que um homem fosse dedicado ao trabalho, merecia uma folga de vez em quando. Era isso que Sam dizia a si mesmo enquanto se afastava do centro da pequena cidade. Havia já vários dias que passava muitas horas na sua secretária, participando de reuniões e encontros, fazendo inspecções, lendo relatórios. Se não desse uma volta de carro para clarear as ideias, ia acabar por fritar os miolos.

Além do mais, era domingo. A chuva cedera finalmente; fora em direcção ao mar aberto, deixando a ilha rebrilhando como uma jóia. Dar uma volta de carro e conhecer os lugares nos quais aquele pequeno pedaço de terra havia mudado, além de relembrar as coisas que permaneciam como antes, era um trabalho tão importante para os seus negócios como os livros de contabilidade e as projecções de lucros.

Sam sempre soubera que aquela sensibilidade em relação à ilha era uma coisa que, na família Logan, tinha saltado uma geração. Tinha plena consciência de que os seus pais haviam considerado os vinte e poucos anos passados na Ilha das Três Irmãs como uma espécie de exílio. Motivo pelo qual, imaginava ele, haviam arranjado desculpas para a deixar com tanta frequência durante aquele período, e para depois terem finalmente tomado a decisão de se mudarem definitivamente para Nova Iorque.

Aquele lugar nunca representara um lar para eles.

Voltar depois de tanto tempo tinha servido para lhe provar isso mais uma vez; também servira de confirmação de que a ilha *era* um lar para ele. Aquela era uma das perguntas pelas quais voltara em busca de respostas, e o resultado já estava bem claro na sua cabeça. A Ilha das Três Irmãs era o lugar certo para si.

Barcos de passeio deslizavam sobre a água, e era possível ouvir os motores com o seu ruído estável e suave. Vê-los trazia a Sam uma espécie de prazer sólido e também um pouco de orgulho. As bóias de sinalização flutuavam, vermelhas, alaranjadas ou brancas, contrastando com a superfície

límpida e azul do mar. A terra recortava-se, curvava-se e avançava um pouco além, para se encontrar com a água.

Em vários locais, havia casas que não existiam na época em que morara na ilha. O tempo que passara desde então estava bem delimitado, conforme reparou pelas tábuas de cedro já desbotadas dessas casas e pela vegetação maciça que crescera em torno delas. *Crescimento do homem e da natureza*, meditou.

O tempo nunca parava. Nem na Ilha das Três irmãs.

Quando se aproximava do ponto mais a norte da ilha, seguiu por uma estrada secundária de terra batida e ouviu os pneus derraparem. Da última vez em que conduzira até tão longe ainda possuía um jipe sem capota. Sentia naquele momento o ar quente que então passava por cima de si e parecia ainda ouvir o rádio do passado que tocava a todo o volume.

De repente, sorriu ao lembrar-se que, embora conduzisse agora um Ferrari, ainda continuava a andar sem capota. E, para completar o clima, colocou um CD no volume máximo.

Estacionou na berma da pequena estrada, do lado oposto ao barranco junto à praia e à residência construída acima dele.

A casa não mudara em nada, constatou após uma cuidada avaliação. E depois perguntou-se quanto tempo ainda levaria para que os moradores da ilha deixassem de se referir a ela como “a casa dos Logan”. Com dois andares, a construção apresentava-se majestosa, sobressaindo caprichosamente na paisagem como se tivesse vida própria. Alguém pintara recentemente as janelas num tom azul-escuro, para contrastar com a madeira quase prateada.

A varanda externa oferecia uma vista panorâmica de tirar o fôlego. Dali podia ver-se toda a enseada e o mar. As janelas eram largas e altas, e as portas totalmente envidraçadas. Lembrou-se de repente de que o seu antigo quarto tinha vista para o mar, e recordou as horas intermináveis que passara a olhar para esse mar.

Quantas vezes o espírito imprevisível daquelas águas havia reflectido as suas próprias incertezas.

O mar sempre conversara consigo.

Ainda assim, a casa não lhe trazia nenhuma emoção, nem sequer qualquer vestígio de saudade ou nostalgia. Os moradores locais poderiam continuar a chamá-la “a casa dos Logan” por mais uma década, mas esta nunca fora sua. Na sua opinião, era apenas uma excelente propriedade construída num local privilegiado e que tinha sido mantida em bom estado de conservação pelos seus donos ausentes.

Esperava, sinceramente, que o homem que possuía o Land-Rover estacionado do lado de fora estivesse satisfeito com a compra da casa e valorizasse o excelente negócio que tinha feito.

Dr. MacAllister Booke, lembrava-se agora, da família Booke, de Nova Iorque. Um homem com uma mente brilhante e uma propensão nada comum: o estudo da Ciência do Paranormal. Fascinante.

Saltou do carro e dirigiu-se ao pequeno barranco que ia dar à praia. Não era a casa que o atraía, mas a pequena enseada. E a caverna.

Ficou satisfeito, mais do que poderia esperar, ao ver que havia um pequeno veleiro amarelo brilhante amarrado na pequena doca mais abaixo. E a embarcação era um espectáculo! *Um barco lindo e bem desenhado*, pensou enquanto estudava as suas linhas. Também ele possuía um barco que ficava amarrado ali. Ao lembrar-se disto, sentiu uma pontada de nostalgia.

Velejar tinha sido o único interesse que pai e filho haviam partilhado.

Os melhores momentos que Sam passara com Thaddeus Logan, os únicos momentos em que houvera alguma empatia entre eles, haviam acontecido enquanto velejavam.

Naqueles dias eles tinham conseguido realmente comunicar e estabelecer uma ligação. Durante aquelas poucas e raras horas na água, não eram apenas duas pessoas que, totalmente por acaso, devido a circunstâncias inexplicáveis, ocupavam lugares na mesma família e na mesma casa. Era uma dupla de pai e filho de verdade, que dividiam um interesse comum. Era bom recordar isso.

— Lindo, não é? Comprei-o há menos de um mês.

Sam virou-se para trás e viu, através das lentes dos seus óculos escuros, o homem que dissera estas palavras caminhar lentamente na sua direcção. Era alto, com um rosto magro, mas possuía feições marcantes, exibindo a sombra de uma barba por fazer. Estava vestido com umas calças de ganga desbotadas e uma camisa cinzenta desfiada na bainha. Os cabelos louros voavam na brisa inquieta, e os amigáveis olhos castanhos apertavam-se para ver melhor contra a claridade. Possuía uma compleição forte, com músculos bem definidos, que Sam admitiu ser muito diferente do que esperara de um intelectual caçador de fenómenos sobrenaturais.

Na verdade, imaginara um sujeito magro, frágil, pálido, com cara de rato-de-biblioteca. Em vez disso, pensou com um traço de divertida surpresa, estava diante de Indiana Jones.

— Como é que o barco se comporta na água?

— Ah, como uma pluma. É muito fácil de manobrar.

Os dois ficaram ali por mais alguns minutos, com os polegares enfiados nos bolsos da frente das calças, admirando e conversando a respeito do pequeno veleiro.

— O meu nome é Mac Booke. — Estendeu a mão.

— Muito prazer. Sam Logan.

- Imaginei que fosse. Obrigado pela casa.
- Na verdade, não era minha. Mesmo assim, não tem de quê.
- Entre para tomar uma cerveja.

Sam não tivera a intenção de fazer uma visita social, mas o convite foi tão descontraído e espontâneo que se viu caminhando de repente em direção à casa, na companhia do novo dono. — A Ripley está?

- Não, está de serviço esta tarde. Queria vê-la para alguma coisa?
- Não, claro que não.

Mac riu da resposta e, após subirem os degraus que levavam ao convés principal, abriu a porta da casa. — Acho que esse clima entre vocês ainda vai continuar por algum tempo. Mas é só até as coisas se acomodarem.

O convés levava até à sala de estar. Sam lembrava-se do ambiente como um lugar imaculado, bem encerado, pintado em cores de pastel e com aguarelas meio desbotadas nas paredes. Também ali os tempos eram outros, pensou enquanto analisava o ambiente. As cores eram fortes e brilhantes, e a mobília tinha como principal característica o apelo ao conforto. Havia pilhas e mais pilhas de jornais, livros e dois pares de tênis atirados para um dos cantos.

Naquele mesmo instante, um dos tênis estava a ser cuidadosamente roído por um cachorrinho agitado.

— Bolas! — Mac deu um pulo até chegar perto do cão, tropeçou no tênis ainda intacto e tentou agarrar o outro. Porém, o cãozito foi mais rápido e saiu a correr com o tênis na boca.

- Mulder! Dá-me isso! — gritou o dono, nem um pouco satisfeito.

Sam virou um pouco a cabeça para assistir melhor à cómica cena que se formou entre o homem e o cão. O cachorrinho perdeu a disputa, mas não pareceu ficar muito abalado com isso.

- Mulder? — perguntou Sam.

— Sim... Como aquela personagem da série X-Files. Ripley resolveu pôr-lhe esse nome em homenagem a mim. Uma piada dela. — Soprou com força. — Só que ela não vai achar graça nenhuma quando vir o estado em que ficou o tênis.

Sam agachou-se, e o cachorro, empolgado diante da perspectiva de uma nova companhia, voltou para saltar e dar lambidelas.

- É um cão muito bonito. É um *Golden Retriever*?

— Sim. Temo-lo há três semanas. É muito inteligente e, a maior parte do tempo, porta-se bem dentro de casa, mas é capaz de roer até pedra se não o vigiarmos, como, aliás, acaba de presenciar. — Suspirando, Mac pegou no cão e levou-o até à altura do rosto, ficando de frente para ele, nariz contra focinho. — Sabes muito bem quem é que vai ouvir por causa disto, não sabes?

O cachorrinho remexia-se deliciado e lambia o queixo do dono. Desistindo do sermão, Mac enfiou Mulder debaixo do braço. — A cerveja está na

cozinha. — E dirigiram-se ao frigorífico, de onde Mac tirou duas garrafas. Em cima da mesa havia uma série de aparelhos electrónicos, um dos quais parecia estar a ser desmontado.

Curioso, Sam esticou o braço para pegar num deles e imediatamente fez disparar uma série de “bips” agudos e luzes vermelhas que piscavam incessantemente.

— Desculpe! — disse ele, largando o aparelho.

— Tudo bem. — Os olhos de Mac estreitaram-se num olhar especulativo. — Porque não levamos as cervejas lá para fora, para o convés? A não ser que queira dar uma olhadela em volta, ou dar um passeio pela casa. Para matar saudades, ou algo do género.

— Não, mas obrigado, de qualquer modo. — No momento em que se dirigiam para o convés externo, Sam olhou discretamente para a escada que levava ao andar de cima e teve uma visão do seu quarto exactamente como era. Viu-se também observando o mar, ou esperando por Mia, olhando para fora pela janela.

Vindo do segundo andar, um novo disparar de “bips” e sirenes agudas começou a soar.

— Tenho mais equipamentos lá em cima — disse Mac, com descontração, tendo que se segurar para não subir a correr para verificar as leituras. — Estou a montar o meu laboratório num dos quartos de hóspedes do andar de cima.

— Hum...

Ao chegar ao lado de fora, Mac colocou Mulder no chão, e o cachorro desceu imediatamente os degraus que iam dar ao pátio e começou a farejar por toda parte.

— Engraçado... — Mac tomou um gole da cerveja e encostou-se ao gradil. — A Ripley nunca me contou que você era um bruxo.

Apanhado totalmente de surpresa, Sam abriu a boca e a seguir abanou simplesmente a cabeça. — Tenho algum cartaz pregado na testa?

— Leituras energéticas. — Mac gesticulou em volta de toda a casa. — E também, para falar a verdade, já fiz uma pesquisa extensa sobre a ilha, as famílias, árvores genealógicas, linhas de sucessão familiares, poderes herdados e assim por diante. Você praticava em Nova Iorque?

— Depende da sua definição de praticar. — Não era comum Sam sentir-se analisado como se fosse uma experiência científica, e na verdade ele jamais se dispusera a permitir isso. Mas alguma coisa em Mac deixava-o à vontade. — Eu nunca reneguei o dom da Arte, mas também nunca saí por aí anunciá-lo.

— Faz sentido. Então, o que acha da lenda?

— Nunca a considereei como lenda. É história, são factos reais.

— Exactamente! — Deliciado com o rumo da conversa, Mac levantou a garrafa numa espécie de brinde. — Eu montei uma linha de tempo, um cronograma, projectando a órbita, se é que podemos chamar assim, do círculo original de há trezentos anos. Pelos meus cálculos...

— Temos até Setembro — interrompeu Sam. — No máximo, até ao equinócio.

Mac anuiu lentamente com a cabeça. — Ora, ora, bingo! Bem-vindo de regresso a casa, Sam.

— Obrigado. — Tomou um gole da cerveja. — É muito bom estar de volta.

— Vai estar disponível para trabalhar comigo?

— Seria estupidez de minha parte dispensar a assistência de um especialista no assunto. Já li todos os seus livros.

— Verdade?

— Você possui uma mente aberta e flexível, Mac.

— Houve outra pessoa que me disse isso assim que cheguei aqui à ilha. — Mac pensou em Mia, mas teve tacto suficiente para não mencionar o nome dela. — Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal?

— Sim, contanto que eu tenha o direito de o mandar cuidar da sua vida, se achar que esta deve ser a resposta.

— Combinado. Se sabia que Setembro era uma espécie de prazo final, porque esperou tantos anos para voltar?

Sam virou a cabeça e olhou para a enseada antes de responder.

— Ainda não tinha chegado a hora. Mas, neste momento, chegou. Agora sou eu que quero perguntar uma coisa. Na sua opinião de especialista, pelas suas pesquisas, pelos seus cálculos e projecções, eu sou necessário para a Ilha das Três Irmãs?

— Ainda estou a trabalhar no assunto. O que sei, com certeza, é que você é uma parte do que é necessário para a Mia desempenhar o seu papel na história... a terceira etapa.

— Ela vai aceitar-me de volta? — Quando viu Mac franzir a testa e tamborilar com os dedos no gradil, Sam sentiu uma pontada desagradável na barriga. — Já vi que não concorda com isso.

— A escolha da Mia tem a ver com os seus sentimentos pessoais. Tem a ver com aceitá-los ou não, e com o que é bom para a vida dela. Isso poderá significar aceitá-lo, ou poderá também significar a resolução definitiva dos seus sentimentos e emoções através da rejeição. — Mac limpou a garganta. — A última etapa tem a ver com o amor.

— Sei perfeitamente disso.

— Não é necessário que ela... Isto é, não significa, na minha opinião, que ela seja obrigada a gostar de si agora, mas que aceite o que sentiu um

dia. Para o deixar ir embora sem ressentimentos e lembrar-se com carinho de como as coisas eram. De qualquer modo, é só uma teoria.

A gola do casaco de Sam levantou-se ao receber uma súbita rajada de vento. — Não gosto da sua teoria.

— Eu também não gostaria, se estivesse no seu lugar. A terceira irmã matou-se. Preferiu a morte em vez de enfrentar a deserção do seu amante. O círculo dela foi quebrado, e ela ficou sozinha.

— Eu conheço o raio da história.

— Então oiça-me. Mesmo naquele momento de desespero, ela protegeu a ilha, e protegeu também a sua herança de sangue e a linhagem das irmãs. Fez tudo o que pôde com aquilo que lhe foi deixado. Mas não conseguiu, ou não quis, salvar-se a si mesma. Não conseguiu, ou não teve vontade, de continuar a viver sem o amor de um homem. Foi essa a sua fraqueza, o seu erro.

As palavras eram suficientemente directas para Sam compreender toda a situação. A conclusão era lógica. E ele sentiu-se enlouquecer. — E a Mia tem vivido muito bem sem mim.

— Por um lado, sim — concordou Mac. — Por outro, na minha opinião, ela nunca conseguiu resolver os sentimentos em relação a si. Nunca o perdoou ou aceitou o facto de se ter ido embora. E agora vai ter que o fazer, de uma maneira ou de outra. Se não o fizer, ficará extremamente vulnerável e, no momento em que o feitiço protector se tornar mais fraco, perderá.

— E se eu tivesse ficado longe daqui?

— A conclusão lógica é que não era previsto você permanecer longe. E a presença de mais magia na ilha... não vai fazer mal.

Sam nunca pensou que tal coisa pudesse acontecer. Mas a sua conversa com Mac colocara-lhe dúvidas na cabeça. Voltara para a ilha sem questionamentos sobre o que precisava de ser feito e o que seria feito.

Conquistaria o coração de Mia novamente e, quando as coisas voltassem a ser como eram entre eles dois, a maldição seria quebrada. Fim da história.

Fim da história, meditava Sam naquele momento enquanto caminhava pela praia ao longo da enseada, porque não tinha querido olhar para além disso. Queria Mia, estava pronto para ela, e era tudo.

Em nenhum momento pensou na hipótese de que ela talvez já não o quisesse, ou não o amasse, e que isso também poderia ser a resposta certa.

Olhou para a entrada da caverna. Talvez fosse altura de explorar aquela possibilidade e de enfrentar os seus fantasmas. No exacto momento em que entrou na cavidade escavada sob o barranco, sentiu o coração bater mais depressa. Parou e esperou que a frequência dos batimentos diminuísse um

pouco, e só então baixou a cabeça para enfrentar as sombras.

Por um momento a caverna encheu-se com sons diversos. As vozes deles dois, os seus risos. Os suspiros de dois amantes.

E choro.

Ela viera até ali para chorar por ele. Saber disso e sentir isso cortou-o com farpas afiadas de culpa.

Esperou que a sensação passasse e permaneceu no silêncio, ouvindo apenas o ruído do fundo das ondas que quebravam na praia.

Quando criança, aquela caverna fora o esconderijo de Aladim, um covil de bandidos ou qualquer outra coisa fantástica que ele, Zack e outros amigos inventassem nas suas brincadeiras.

Depois, quando já não era tão criança, ou pelo menos já não um menino, esta representara Mia.

As suas pernas tremiam quando se dirigiu lentamente até ao fundo da caverna. Ajoelhou-se e viu as palavras que os seus próprios dedos haviam gravado na pedra. Mia não as apagara. Até àquele momento, até ao instante em que sentiu o punho fechado que apertara o seu coração aliviar a pressão dentro do peito, Sam não percebera o medo que sentia de que ela tivesse feito isso. Se tal coisa tivesse acontecido, o coração dela estaria perdido para ele.

Agora e para sempre.

Ao esticar a mão, um fecho de luz preencheu as palavras parecendo transbordar de dentro delas como se fossem lágrimas douradas. Ele sentiu que naquela luz ainda estavam todos os sentimentos que o jovem do passado havia sentido ao escrevê-las, por Magia e absoluta fé no futuro.

Sentiu-se abalado ao perceber que havia tanto sentimento dentro daquele menino, que o homem em que ele se transformara ainda se sentia envolvido e emocionado. E que a dor ainda estava presente.

O Poder ainda estava ali. Por que motivo ainda estaria, e tão forte, se não significasse mais nada? Apenas a sua vontade e o seu desejo haviam trazido de volta à vida tudo o que existira?

Eles tinham-se amado ali, tão enroscados um no outro que o mundo poderia ter acabado e eles nem sequer teriam notado ou se teriam importado. Ali eles haviam compartilhado os corpos, os corações e a Magia.

Ele podia vê-la, naquele momento, levantando o corpo acima do seu, com os cabelos parecendo chamas fora de controlo e a pele completamente dourada. Os braços levantavam-se enquanto ela levava os dois corpos unidos para lá dos limites da razão.

Ou, então, via-a aconchegada junto a si, dormindo com a boca curvada de contentamento.

Ou sentada junto dele enquanto conversavam, com o rosto aceso de excitação e alegria, tão cheia de planos, tão jovem.

Seria seu destino deixá-la ir embora antes de a ter mais uma vez? Ser perdoado para depois ser esquecido?

A ideia apunhalou-o no peito e deixou-o tremendo enquanto se levantava. Incapaz de suportar a pressão das lembranças por mais tempo, virou as costas e saiu da caverna.

Para a luz do Sol, um clarão como fogo, onde ela estava parada de costas voltadas para o mar.